



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E IMAGOS PARENTAIS EM RAPARIGAS PRÉ-
ADOLESCENTES**

Cátia Gomes Correia

12230

Dissertação orientada por
Professora Doutora Ângela Vila Real

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia
Especialidade em Clínica

2009



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E IMAGOS PARENTAIS EM RAPARIGAS PRÉ-
ADOLESCENTES**

Cátia Gomes Correia

12230

Dissertação orientada por
Professora Doutora Ângela Vila Real

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia
Especialidade em Clínica

2009

Dissertação de Mestrado “Imago materna e paterna em pré-adolescentes do sexo feminino exposto a violência doméstica” realizada sob a orientação de Prof. Dra. Ângela Vila Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário de Republica 2ª série de 26 de Setembro

Agradecimentos

Queria agradecer aos que participaram neste projecto, quer de forma directa quer indirectamente. Agradeço à minha família, aos meus amigos, aos meus colegas, aos livros, aos artigos, a todos que me deram força e interesse em realizar este trabalho.

Agradeço especialmente às instituições – Escola Secundária de D. Dinis e ao Instituto da Sãozinha.

Queria agradecer particularmente à minha orientadora de Dissertação de Mestrado - Professora Ângela Vila Real e ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Agradeço de forma especial à minha força interior para terminar mais uma etapa da minha vida.

Resumo

Com este trabalho pretende-se tecer uma reflexão sobre a influência da violência no desenvolvimento de pré-adolescentes sendo que se dará especial ênfase à representação da imago materna e paterna. Propõe-se comparar pré-adolescentes que estiveram expostos a violência doméstica com os que não estiveram, procurando verificar diferenças nas representações das imagos parentais.

Para realizar este estudo utilizou-se uma amostra de 10 sujeitos do sexo feminino recolhidas no Instituto da Sãozinha, um lar para crianças e jovens, aplicando-se o teste projectivo T.A.T, e outros 10 sujeitos na Escola Secundária de D.Dinis.

Este estudo permitiu retirar as seguintes conclusões: as raparigas que se encontraram não expostas à violência doméstica desenvolvem, positivamente a imago materna e paterna, comparativamente às que foram expostas a tal situação. Estas apresentam identificações materna e paterna distorcidas, no sentido em que revelam imagos maternas insuficientes e imagos paternas agressoras, ou ainda figuras de referência substitutas. A dificuldade em evocar relações nos sujeitos expostos a violência doméstica, é iminente, que diferem dos sujeitos não expostos, que por sua vez conseguem razoavelmente evocar relações, ou até mesmo identificarem-se a uma das imagos.

Palavras-chave: *familia, imago materna e paterna, violência doméstica, pré-adolescentes*

Abstract

The purpose of this work is to ponder about the influence of violence as far as pre-adolescents development is concerned. *Parental imago* representation will be the priority. The aim is to compare pre-adolescents who were exposed to domestic violence with the ones who weren't by checking differences in *imago* representation.

A sample of 10 young female from Sãozinha Institute, a youth residence, and other 10 young female from D.Dinis Secondary School, will make this study possible by applying the T. A. T projective test.

This study leads to the following conclusions: the young females who weren't exposed to domestic violence developed positively their maternal and paternal *imago* comparing to those who were exposed to such situation. The subject exposed to domestic violence show distorted maternal and paternal identification, as they reveal an insufficient maternal *imago*, an aggressive paternal imago and some replace their parents by other referential patterns. The examined group also denotes some difficulty in establishing relationships in comparison with the subject non exposed to domestic violence.

Key - words: *family, parental imago, domestic violence, pre-adolescents*

ÍNDICE

	Páginas
1. Introdução	8
2. Enquadramento Teórico	
<i>Imagos parentais</i>	10
<i>Violência e Maus tratos</i>	12
<i>Factores de risco</i>	15
<i>Consequências</i>	16
<i>Família</i>	
<i>Funções materna e paterna</i>	17
<i>Da infância à adolescência - desenvolvimento</i>	20
<i>Desenvolvimento sexual da rapariga e construção do feminino</i>	25
<i>Formulação do problema</i>	30
3. Método	
<i>Delineamento</i>	31
<i>Participantes</i>	31
<i>Procedimento</i>	31
<i>Instrumento</i>	32
4. Resultados Obtidos	35
5. Discussão	50
6. Conclusão	56
7. Referências Bibliográficas	58
8. Anexos	62
<i>Anexo 1 - Cartões T. A. T</i>	63
<i>Anexo 2 - Respostas dos sujeitos não expostos a violência doméstica e análise de cada cartão</i>	68
<i>Anexo 3 - Respostas dos sujeitos expostos a violência doméstica e análise de cada cartão</i>	86
<i>Anexo 4 – Tabelas e gráficos referentes aos procedimentos</i>	104

1. Introdução

A temática deste estudo é sobre a construção da imago materna e paterna em pré-adolescentes expostos a violência doméstica, comparativamente a sujeitos não expostos.

Numa análise sociológica e histórica conforme foi referido por Azevedo & Maia (2006), a preocupação com as crianças maltratadas começou essencialmente na década de 60 nas sociedades de maior desenvolvimento industrial e urbano. É um fenómeno que tem vindo progressivamente a tornar-se mais visível e mais actual, sendo que a violência exibida nos meios de comunicação bem como os efeitos nos comportamentos dos indivíduos vem a ser um dos temas mais debatidos.

Sabemos que a violência ultrapassa todas as diferenças, está presente em todas as classes sociais, qualquer que seja a raça ou cultura. Estes autores, apresentaram uma visão pessimista de De Mause (1991), sobre a história da criança, que segundo a sua teoria o que inicialmente acontecia não era falta de amor dos pais para com os filhos, mas sim uma falta de maturação emocional, que os impedia de ver a criança como uma pessoa, sujeitando-a assim a situações menos dignas para a sua integridade física e moral.

Aparece nos livros da tradição judaica-cristã segundo Morgado (2000): “o enigma da injustificada angústia que atinge Job, está para inquietar e atrair a reflexão acerca de um dos problemas mais desconcertantes com que o pensamento humano se tem confrontado, isto é, o sofrimento do justo inocente, a angústia de quem não tem culpa. É este um dos aspectos do problema mais vasto da presença do mal no mundo”.

No contexto da violência aborda-se a temática das funções materna e paterna no desenvolvimento da criança, no sentido em que esta, em contexto familiar aprende múltiplas e diversas coisas, fundamentais para o seu desenvolvimento. João dos Santos (1982), citado por Salgueiro (1999), refere que “a grande especialidade da criança é a mãe”, pois tudo o que esta vai aprender, fazendo parte da sua estrutura, aprende-o com esta. A importância do pai reaparece com uma grande força emotiva já mais tarde, nos Estados Unidos, em livros de memórias e em autobiografias, escritos a maior parte das vezes por romancistas mais velhos. Bowlby por sua vez diz que “uma criança constrói um modelo de representação interna de si próprio dependendo de quem o educou”. Esta representação vai permitir à criança ser capaz de se auto ajudar perante a diversidade de dificuldades, na medida em que se identifica as representações (Kennell, 1999).

No seu desenvolvimento, a saúde mental da criança, tal como a capacidade para resistir a tensões e conflitos vai emergir do espaço virtual promotor do desenvolvimento que

os pais, enquanto casal, conseguem criar na relação, inserida numa matriz social (Salgueiro, 1999).

Numa análise psicológica, a violência perversa nas famílias, segundo Rodrigues (2002), constitui uma engrenagem infernal a que é difícil pôr fim, pois tende a transmitir-se de geração a geração, sendo que as crianças são as que mais sofrem por conviverem em ambientes destes.

Será que os comportamentos que hoje se adoptam se espelham na frase – “se te bato é para teu bem”? Na imagem de paternidade segundo o antigo Testamento, em que o castigo servia para compensar faltas ou para experimentar o crente? Esta imagem de que Deus já não é um pai castigador, mas de um pai que acolhe.

Esta imagem estará suficientemente impregnada nas nossas mentes? Assim, e para pensar um pouco acerca disto, surge uma preocupação em reflectir, sobre o impacto que a violência tem nas famílias, na forma como os filhos se desenvolvem nessa situação e na forma como é feita a construção das imagens parentais, comparando com o normal desenvolvimento de sujeitos que conviveram com os pais num ambiente saudável. Neste estudo, os pré-adolescentes do sexo feminino, pareceu ser uma amostra pertinente e inovadora.

O trabalho foi dividido em vários capítulos que o compõem, onde será referido a definição da imagem materna e paterna e a sua importância, as diferentes perspectivas da violência doméstica, bem como as suas consequências e factores de risco, o desenvolvimento da infância à adolescência e a importância das funções materna e paterna e por último abordar como é feito o desenvolvimento sexual da rapariga e a construção do feminino.

2. Enquadramento Teórico

Imago materna e paterna

O termo *imago* aparece no primeiro trabalho de Carl Gustav Jung em 1912 (Ducret, 2005). O conceito foi retirado de um romance com o mesmo nome – *imago* - de Carl Spitteler (1845-1924) publicado em 1912. A *imago* determina a forma como o sujeito apreende os outros, funcionam como clichês mentais que neste caso dizem respeito às figuras materna e paterna. São elaboradas na relação fantasmática e real intersubjectiva entre a criança e os pais.

Na psicologia de Jung, referido por Ducret (2005), a *imago*, através da regressão proporciona o retorno às relações precoces, a reanimação da *imago* parental, conectando com a qualidade do inconsciente de cada sujeito. Também Freud usou o mesmo termo *imago*, em 1912, mencionado em “The Dynamics of Transference” (1912b). Para este autor, a *imago* é um factor importante para realização das relações objectais e designa-se apenas a uma fixação erótica relacionada com a realidade dos traços objectais primários. Posteriormente, nos trabalhos de Melanie Klein, esta refere a importância das *imagos* parentais uma vez que durante a sua construção podem provocar estados graves de ansiedade. A criança projecta as suas fantasias nos pais e introjecta as suas imagens, dando origem ao Superego da criança.

À imagem de Freud e Melanie Klein, Morgado (2000), faz a afirmação: “se te castigo e te bato, é para teu bem!” a qual é questionada se será verdade, por parte de um pai que bate nos seus filhos? ou “será apenas a repetição dum arquétipo, vinculado à imagem dum Deus castigador, cujos castigos se acredita serem para o nosso bem, para expiação dos nossos pecados?”. Segundo este autor, Deus foi considerado em muitas culturas um Deus patriarcal, remetendo sempre para o masculino. Noutras culturas e civilizações, eram deuses terríveis e noutras eram deuses mais civilizados. Em todo o caso, o homem só poderia conhecer a Deus de uma forma antropomorfizada. Assim, o conceito mais sublime e humanizado acerca de Deus foi chamar a Deus, pai. A melhor imagem que lhe seria dada era a da paternidade e o que esta realidade significa para o homem. Por isso podemos ter uma imagem dum Deus castigador e punitivo, pronto a castigar, que pode induzir uma atitude paternal preferencialmente autoritária e repressiva.

Coutinho (1997) cita Kohut que desenvolve o conceito de *self* e *self* objecto. Utiliza-os para definir conceitos fundamentais, nomeadamente, “*imago* parental idealizada”. Afirma

que ao longo do desenvolvimento, o *self* assume duas modalidades básicas de relação com os seus self-objects fundamentais, frequentemente incarnados nas figuras da mãe e do pai: o “self grandioso” e a “imagem parental idealizada”. O “self grandioso” diz respeito à dimensão primordial das nossas ambições e desejos no próprio, ou seja, acontece uma busca de grandiosidade, vigor e perfeição no mesmo, que se manifesta através do exibicionismo da criança. A “imagem parental idealizada” está relacionada por sua vez numa busca de poder e perfeição do outro fundindo-se no próprio numa necessidade de ligação com o objecto idealizado.

Na construção da personalidade é importante a existência da fantasia. Esta exerce uma função precursora da “imagem parental idealizada”. A atenção recai sobre o objecto uma vez que é percebido de forma idealizada, importante para o amadurecimento do psiquismo, tal como para a consolidação das instâncias psíquicas (Coutinho, 1997). Assim o conceito de “imagem parental idealizada”, sofre alterações durante o desenvolvimento da criança, nomeadamente, na adolescência.

Violência e Maus tratos

É necessário fazer uma reflexão sobre a violência e sobre a sua importância nos dias de hoje, bem como sobre as suas consequências a longo prazo, e sobre como é que no seio de uma família é enfrentado este problema. Mas em primeiro lugar é fulcral definirmos o conceito de violência e maus tratos.

“Quanto mais me bates, mais gosto de ti!”. Segundo Morgado (2000), esta é uma frase que esconde uma grande ambivalência. Revela o seu lado masoquista mas também que o amor pode existir mesmo onde há por vezes violência.

Martinet (2000), refere que “o mau trato de crianças, seja ele físico, sexual, psicológico ou institucional surge sempre num contexto que deve ter em conta várias dimensões: as crianças vítimas, os adultos que maltratam, o acto de maltratar em si e finalmente o contexto familiar e institucional no qual ele se produz”. Sugere também, que os maus tratos são geralmente difíceis de se perceberem, procurando sobretudo comportamentos de evitar o olhar do pai e da mãe quando o contacto ocular é normal aos olhos do observador. É também interessante saber, que segundo este autor, a criança faz provocações inconscientes, numa procura quase erotizada da violência, obtendo com isso um certo prazer. Assim a identificação ao agressor, pode levar a uma postura violenta da criança em relação aos seus pais e a outras crianças.

Segundo Bergeret (1998), *violência* não traduz qualquer intenção agressiva. Trata-se então de um radical grego e latino significado - desejo de viver (*Bia-Via-Vita*), que por sua vez não significa necessariamente uma vontade de prejudicar. É importante não confundir com a *violência natural e universal*, que se considera como sendo necessária até para a sobrevivência do indivíduo. Em contrapartida o ódio ou agressividade surgem à posteriori, e podem ser específicos da personalidade de cada ser humano. Ódio significaria “uma atitude afectiva antagonista do amor, enquanto a violência fundamental, inata no ser humano, não encerra qualquer posição particular de ódio, não mais aliás do que qualquer parcela de amor”. Enquanto o ódio e o amor se debruçam sobre um objecto identificado, atribuindo-lhe características que justifiquem essas reacções, a violência por sua vez refere-se a uma reacção mais elementar e globalmente mais brutal, visto que as características do objecto não têm grande peso, sendo que o indivíduo simplesmente se sente ameaçado. Refere ainda que a agressividade proporciona satisfação de natureza erótica. Presencia o sofrimento de um objecto, com o qual ocorre uma ligação ambivalente, em que se verifica um ataque ao objecto

e prazer nesse mesmo ataque. Esta diferença reside no facto da agressividade ser considerada um impulso mental elaborada, enquanto que a violência não passa de uma simples reacção automática primitiva destinada a diminuir uma angústia de destruição provocado pelo outro e não proporcionando ao próprio qualquer satisfação de natureza libidinal.

Como tal, conclui-se que a violência não corresponde a nenhuma pulsão de morte, fazendo parte do grupo dos instintos de vida muito primitivos.

Segundo Magalhães (2005), os maus tratos físicos, são encarados como sendo qualquer acção, não acidental, por parte dos pais, com poder ou confiança, que provoque dano físico ao menor que constituem um grave e delicado problema social. Os indivíduos podem ser maltratados por um dos pais ou ambos, por um irmão ou outro familiar, por uma pessoa conhecida ou por um estranho. Existem várias modalidades de abordagem da problemática, como são por exemplo os factores culturais e sócio-económicos, como a área profissional a partir da qual é feita a sua abordagem e o contexto em que o maltratado se encontra, ou seja, os problemas com a precariedade sócio-económica.

Relativamente à tipologia, Magalhães (2005), refere que a violência se manifesta por formas diferentes: em maus tratos físicos, abuso emocional ou psicológico, abuso sexual, negligência, abandono, exploração no trabalho, exercício abusivo da autoridade e tráfico de crianças e jovens. Sucintamente, define a violência como “qualquer forma de tratamento físico e (ou) emocional, não acidental e inadequado, resultante de disfunções e (ou) carências nas relações entre crianças, jovens e pessoas mais velhas, num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e (ou) poder”. Este comportamento em questão pode ser voluntário ou involuntário, conforme a intensão ou não de causar danos.

Segundo Miguel (1999), a violência sobre a criança é o que se designa por mau trato. Nesta perspectiva englobam-se os maus tratos físicos, sexuais, psicológicos e a negligência. A violência é então a falta de respeito pelos sentimentos, direitos, propriedade e corpo dos outros.

De acordo com Martinet (2000), geralmente os responsáveis pelos maus tratos são os pais, existindo uma cumplicidade mais ou menos inconsciente. Entre eles um é o autor directo enquanto o outro o favorece pelo seu silêncio. Em certas famílias pode apresentar-se no pai ou mãe, a presença psiquiátrica grave, em que o mau trato é episódico, aparecendo brutalmente no momento da descompensação da doença sendo que estão subjacentes as deficiências mentais, tais como o alcoolismo crónico, distúrbios psicopáticos, toxicomania e psicose. As crianças fazem parte do delírio do adulto e podem ser mesmo vítimas de

infanticídio. Por exemplo em caso de uma mãe psicótica estão sujeitas a uma maternidade incoerente ou são postas de parte.

Martinet (2000), refere que a maioria das vítimas de carências afectivas na infância sofreram maus tratos físicos ou sexuais. Apresentam uma personalidade depressiva e/ou uma importante falha narcísica ligada à intensidade das frustrações da infância, em que o desejo de reparação o motiva a ter uma criança. Faz ainda a alusão à passagem ao acto agressivo que surge de uma forma impulsiva, numa situação de angústia e de intolerância às frustrações impostas pela criança, constatando-se uma ausência quase total de culpabilidade. Nas violências físicas, o aspecto sádico, o carácter frio, sem a noção de passagem ao acto impulsivo, são consequências de tais personalidades. Neste caso, o perverso maltrata com o intuito de satisfazer os seus próprios desejos.

Assim, Bergeret (1998), aborda um drama comum a toda a humanidade, a rivalidade violenta entre gerações que retrata que o primeiro fantasma ligado a qualquer nascimento que tem como base o receio de não haver lugar ao sol para a criança e para os pais simultaneamente.

Factores de risco

Segundo Miguel (1999), os primeiros estudos sobre as causas da violência centraram-se sobre os problemas psicológicos dos pais das vítimas. A estes factores vieram acrescentar aspectos sociais e culturais. Alguns factores de risco da violência seriam, efectivamente, o nível sócio-económico baixo, as famílias monoparentais, os ambientes de stress, famílias com conflitos ou violência entre o casal e ainda factores ligados à biologia da criança.

Magalhães refere igualmente factores de risco a ter em conta como por exemplo, as características individuais dos pais como o alcoolismo, toxicoddependência, perturbação da saúde mental ou física (handicap), antecedentes de comportamentos desviante, personalidade imatura e impulsiva, baixo auto-controle e reduzida tolerância às frustrações, grande vulnerabilidade ao stress, baixa auto-estima, atitude intolerante, indiferente ou excessivamente ansiosa face às responsabilidades relativas à criação dos filhos, conduzindo à falência do sistema comunicacional de retroacção, antecedentes de terem sofrido maus tratos infantis, desemprego, perturbações no processo de vinculação com o filho, etc. Tal como as características dos pais, também é importante referir as do filho, que são respectivamente a vulnerabilidade em termos de idade e de necessidades, personalidade e temperamento não ajustados aos pais, perturbação da saúde mental e física (handicap). Também é relevante mencionar as características do contexto familiar, tais como, gravidez indesejada, família monoparental, família reconstruída com filhos de outras ligações, família com muitos filhos, família desestruturada como é o caso de crises familiares em situações de mortes e separação, famílias com problemas socio-económicos e habitacionais. Por último as características do contexto social e cultural, a atitude social para com as crianças, atitude social para com as famílias e atitude social em relação à conduta violenta são também factores de risco.

Pela forma como geralmente acontecem, as vítimas de violência doméstica são privados dos seus direitos e liberdade afectando de forma concreta ou potencial, a sua saúde, o seu desenvolvimento (físico, psicológico e social) e a sua dignidade, sendo que a negligência, também abordada por esta autora, é vista como um comportamento com consequências similares, como omissão de cuidados a ter, sem satisfação dos cuidados básicos de higiene (Magalhães, 2005).

Consequências

A violência desencadeia um conjunto de respostas psicológicas e biológicas na pessoa que podem ir do normal ou adaptativo ao patológico. Podem manifestar-se precocemente e outras tardiamente. A preocupação principal é sobretudo quanto às consequências negativas. As várias complicações que podem surgir estão na base de lesões físicas em todos os órgãos, de que sobressaem os danos cerebrais e até a morte, às lesões sexuais, à gravidez, às cicatrizes emocionais e aos stress pós-traumático (Miguel, 1999 cita Hendricks-Matthews; Newberger, 1993; Singer et al, 1995).

No pré-adolescente e/ou adolescente, segundo Martinet (2000), os resultados de dificuldades intra-familiares observa-se sob a forma de fugas ou de tentativas de suicídio, percebidas como um pedido de auxílio. Verifica-se também distúrbios escolares sob a forma de insucesso e por vezes, a criança ou adolescente pode refugiar-se numa hiperactividade escolar.

Referindo a sintomatologia do conceito de violência, Martinet (2000), refere o surgimento de modificações importantes na personalidade da criança maltratada. Pode desenvolver-se o nó depressivo em que esta constrói de si uma imagem desvalorizada, justificando secundariamente a seus olhos os maus tratos do qual está sujeita. A criança fecha-se então numa conduta de insucesso que confirma o sentimento de não valor e de incapacidade. Desta forma a sua personalidade vai sendo construída sob a forma de “patologia-limite” dominada pela perturbação de estima de si e por distúrbios de conduta.

Família

Funções materna e paterna

Torrinha (1942), refere que a família vem de uma raiz latina “famulus” que, como substantivo, significa servo, criado ou doméstico e como adjectivo, quer dizer submisso, obediente e humilde.

Bourdieu (1996), apresenta a família como sendo uma estrutura sujeita a estratégias de reprodução não apenas biológicas, mas também de relações sociais. Tem como objectivo assegurar a unidade familiar. Assim, a família afirma-se como corpo de luta para existir, mediante relações de força económica e simbólica.

Por sua vez, Osório (1996) refere a família como uma unidade grupal em que se desenvolvem três tipos de relações pessoais, a aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consanguinidade (irmãos). Assim, a partir dos objectivos de uma família, esta desenvolveu através dos tempos funções diversificadas de transmissão de valores éticos, religiosos e culturais.

Segundo uma visão ocidental, Caplansky (2002), apresenta a família como produto da modernidade ocidental que surge a partir da burguesia, em que as mulheres e as crianças passam a ocupar outro lugar devido a uma série de mudanças a nível das representações colectivas, que propõem um julgamento, uma apreciação e implica uma tomada de decisão, reflectindo um valor emocional positivo ou negativo. Por exemplo no Peru, Caplansky (2002), verificou que 25% dos lares são constituídos exclusivamente por mulheres com um papel de mães fortes e fálicas, sendo a função materna um papel permanente.

Segundo Salgueiro (1999), ao papel crucial da mãe tem de ser acrescentado o do pai, o do casal, constituído por seres de sexo diferente, anatómico, biológico, psicológico e social, que se amam e se desejam e em que ambos se dirigem para o bem estar da criança que procriaram.

Lopes (1981) nos finais do século XX, refere que as funções materna e paterna continuam extremamente ligadas ao desenvolvimento do ser humano, abrangendo o funcionamento do aparelho psíquico, a vida relacional, a sociabilidade e a cultura. Cabe à função materna, assegurar os primeiros cuidados de sobrevivência física e estimulação psicológica importantes para a formação do Eu.

Relativamente à função paterna esta possibilita uma nova dimensão quer em termos de funcionamento psíquico quer de inserção social. Segundo Hurstel (1999), “o pai é, no

complexo de Édipo, aquele ao qual a mãe se refere para a criança, aquele que vem ocupar a terceira posição. Todos esses pais participam da função fálica que os nomeia e lhes dá o lugar que ocupam.”

Tanto a função materna como a paterna, são relevantes para com a estruturação do aparelho psíquico, sendo que a triangulação da relação – complexo edipiano – é o organizador fundamental dando acesso à identificação sexual, ao simbólico, à linguagem e ao pensamento lógico. É importante referir que esta dinâmica familiar pode ser verificada de forma diferente.

Relativamente à importância dos pais no processo de desenvolvimento da identidade do adolescente, Levisky (1997), refere que “os pais são modelos identificatórios para os filhos, e os líderes de uma nação podem ser incorporados como modelos do carácter nacional, principalmente pela juventude”. Portanto a família é a primeira e a mais importante escola onde a criança aprende a desenvolver as suas capacidades morais e cognitivas.

Para Morgado (2000), qualquer pai é capaz de sentir para com os seus filhos um amor profundo e terno, susceptível de muitos aspectos, mas sempre sincero e verdadeiro. Portanto, um amor paterno não tem necessariamente de ser representado de forma violenta, sob pena de quando se expressa de forma violenta, deixa de ser amor para se tornar abuso de poder. Nem todo o filho maltratado será um pai mal tratante e violento, mas todo o pai que maltrata foi sem dúvida uma criança maltratada por alguém. Não serão castigos razoáveis ou esporádicos que tornarão a criança num adolescente revoltado e num adulto violento, pois certos castigos, como uma estalada na altura de uma birra (onde não cause lesões graves) são benéficos para desalentar e reprimir certos comportamentos das crianças.

Existe um conjunto de constatações que interferem no desenvolvimento harmonioso do indivíduo, nomeadamente, o problema de transtorno das identificações (principalmente com a figura masculina) e, naturalmente, problemas com a constituição do Superego. Dá o exemplo da progressiva desvalorização da figura paterna como modelo de identificação, que por sua vez não lhe dá a possibilidade de ser o elemento de referência do Ideal do Eu. O Superego conseqüentemente perde flexibilidade, pois o pai ausente e desvalorizado não exerce o papel funcional em termos de relação afectiva (Lopes, 1981).

Conclusivamente, conforme Bayle (2000), na dinâmica familiar, o maltratante reage com raiva, angústia, hostilidade, devido a experiências passadas.

Relativamente à criança, esta passa a ser uma espécie de “propriedade” e é sobretudo o pai que desenvolve este instinto. Nele surge uma reacção de autoridade, à qual se associa frequentemente a decisão de castigo, que são manifestadas através de punições corporais, e

por outro lado, com um cariz positivo, os ralhos, as proibições, as ordens, os castigos, etc. Assim diferenciamos o autoritarismo, que tem a ver com atitudes de abuso de autoridade e por sua vez, a autoridade, que é um direito e dever, próprios de quem coloca na vida um novo ser e passa a ter uma obrigação moral, social e jurídica. Assim, a autoridade exerce-se com bom senso e equilíbrio, enquanto que o autoritarismo trata-se de algo reprovável e socialmente condenável. Também refere que estão presentes personalidades paternas ambivalentes, ou seja, por um lado personalidades violentas que procuram a sensação de domínio e por outro, personalidades inseguras que revelam uma grande falta de autoridade (Morgado, 2000).

Para Lacan, a função materna apresenta-se distintamente da “presença paterna”, como sendo o terceiro elemento entre a mãe e a criança, que introduz a ordem simbólica no desencadeamento Kleiniano das pulsões pré-genitais. O Édipo desenrola-se em três tempos. A criança posiciona-se no desejo da mãe, tornando-se objecto desse desejo e a intrusão do pai nesta díade priva a mãe do falo e frustra a criança da mãe. O pai pode fornecer o falo porque o tem, fazendo com que o rapaz prefira o pai em vez da mãe e a rapariga por sua vez procura o pai que tem esse falo em vez da mãe (Delaroche, 2006).

É a educação que cada um tem dos seus progenitores que pode estar subjacente ao tipo de atitude dum futuro pai, ou seja, as crianças estão predispostas a desenvolver comportamentos semelhantes (Morgado, 2000).

Da infância à adolescência – desenvolvimento

Para referir o desenvolvimento da infância à adolescência é essencial referir alguns fases importantes para a compreensão deste estudo.

Num plano mais geral e introdutório Oliveira (1990), refere que no passado, as mulheres eram conotadas com recolhimento e pudor, uma vez que tinham um papel eminentemente passivo, treinado ao longo de toda a infância. Relativamente aos rapazes era solicitado socialmente um papel activo. Com a “sexualização da criança”, a autora faz referência a uma nova moralidade, uma vez que esta passa a ser vista como um ser activo, tendo a possibilidade de ser ouvida. Nesta altura os pais estão mais interessados em serem amigos dos filhos do que em assumirem o seu papel de figuras parentais com funções discriminativas.

Numa teoria mais cognitivo-comportamental, Piaget & Inhelder (1979), na pré-adolescência, período dos 11-12 aos 14-15 anos, “o sujeito consegue libertar-se do concreto e situar o real num conjunto de transformações possíveis.” Assim, no final da etapa (infância) ocorre a libertação do concreto em proveito de interesses orientados para o futuro: “idade dos grandes ideais ou do início das teorias além das simples adaptações presentes ao real”. Esse desenvolvimento afectivo e social que ocorre na adolescência, engloba a transformação do pensamento, que possibilita o manejo das hipóteses e o raciocínio sobre proposições. Sendo a adolescência (15-18 anos) a idade da inserção do indivíduo na sociedade adulta, mais do que na idade da puberdade, a pré-adolescência caracteriza-se também por uma aceleração do crescimento fisiológico e somático e pelo abrir dos valores às novas possibilidades, para as quais já se prepara o sujeito.

Para Oliveira (1990), o processo da adolescência realiza-se num período mais ou menos alargado, em que surgem mudanças biológicas. Crescer entre os 10 e os 14 anos, é escolher não escolher, negar um corpo desenvolvido biologicamente e preparar-se para uma identificação. Newman, Pepitone, Fleming mencionam a importância no crescimento, dos grupos de pares do mesmo sexo num investimento narcísico das pré-adolescentes (Oliveira, 1990).

Segundo Baptista & Nodin (2002), a pré-adolescência revela-se um período com inúmeras alterações físicas e psicológicas em relação com o outro e consigo próprio e também alterações na sua forma de pensar, agir, sentir e nos seus interesses e desejos. É pois

uma fase em que começam a surgir questões acerca de si próprio, em relação aos outros e com o que o rodeia.

Conclusivamente, as alterações físicas, põem em causa a imagem corporal construída desde a infância, tendo o pré-adolescente de (re)construir uma nova representação do corpo e, em sentido mais amplo, uma nova representação de si próprio.

Com um, dois anos de idade, o narcisismo, é importante ser referido neste desenvolvimento, caracterizado pelo indivíduo que parece estar apaixonado por si mesmo. Citando Lacan, esta é uma fase teorizada como o estágio do espelho, chamado por Freud de “narcisismo primário”, que representa o investimento de si, localizado na segunda tópica, no Id (Delaroche, 2006). A criança não poderia olhar-se ao espelho uma vez que o simbólico é o primeiro na existência que vai determinar o lugar do imaginário. Sem o simbólico, a criança também não poderia posicionar-se e formar o seu complexo de Édipo. Cita Freud que acrescenta: “o complexo negativo, a saber, sempre para o rapaz, eliminar a mãe para tomar o seu lugar junto do pai.” No caso do rapaz, o complexo de Édipo, se for localizado no apogeu da fase fálica (3-5 anos) representa uma renúncia ao objecto incestuoso que é a mãe com o objectivo de preservar o seu sexo. No caso da rapariga por sua vez, é o complexo de castração que o desencadeia: “revela ao longo de uma equação simbólica do pénis da criança” exigindo com isto um filho do seu pai. Segundo a lenda, este autor, menciona que o complexo de Édipo positivo “reproduz no imaginário a tragédia antiga: o rapaz, como Édipo, dorme sem saber, com a mãe Jocasta, depois de ter matado o pai, Laios”.

Seguindo a linha de raciocínio de Freud, a escolha do objecto realiza-se em três momentos, nomeadamente o desmame que se caracteriza pela separação entre a “actividade sexual” e a ingestão alimentar, o período de latência em que a criança aprende a amar e é amada, e a puberdade, em que a criança estabelece a felicidade perdida antes do desmame, através dos impulsos auto-eróticos. Numa segunda fase, com o surgimento da puberdade ocorre a confirmação definitiva da vida sexual (Delaroche, 2006).

Segundo Freud (1915), com a chegada da puberdade dão-se mudanças a nível da vida sexual infantil. Até aqui a pulsão sexual foi auto-erótica, passando a encontrar um objecto sexual. Assim, a sua actividade até ao momento, foi consequência de derivadas pulsões e de zonas erógenas que de forma independente seguram a mesma linha em busca de um prazer como único alvo sexual. Nesta fase surge um novo alvo sexual em que todas as pulsões se aliam para o atingir, sendo que por sua vez as zonas erógenas ficam subordinadas ao primado da zona genital. Este novo alvo sexual atribui diferentes funções perante diferentes sexos, divergindo em desenvolvimentos distintos. No caso das raparigas, entra numa espécie de

emaranhado. Assim uma vida sexual aparentemente normal é assegurada pela convergência das duas correntes dirigidas para o objecto sexual (tanto as pulsões como as zonas erógenas) e para o alvo sexual, a corrente afectiva e sexual. A pulsão sexual está então subordinada à função reprodutora. O crescimento manifesto dos órgãos genitais externos é relevante no sentido em que no período de latência da infância é caracterizado por uma cessação relativa desse mesmo crescimento.

Neste contexto, Freud baseia-se em dois modelos, o do apoio anaclítico em que refere que a sexualidade se apoia na satisfação alimentar e o do narcísico que “procura o próprio Ego e o encontra no outro”. O objecto escolhido está presente em todos os sujeitos, a mãe, que presta cuidados, e o próprio. O adolescente tem de se separar dos pais, mesmo que estes representem um papel negativo. A criança tem de ser capaz na sua vida futura de passar provisoriamente sem amor no caso de “excesso de ternura”, impedindo que este se separe futuramente, na adolescência, dos pais. Freud retrata os fantasmas do adolescente, respectivamente, a contemplação de relações sexuais dos pais (cena primária) a sedução precoce por pessoas amadas e a ameaça de castração (ameaças ao Édipo). Estes fantasmas representam modelos de escolha de objecto levando a uma dificuldade em expandir a vida sexual. A separação dos pais é uma das tarefas psíquicas com a qual o adolescente tem de se confrontar, na mesma altura da rejeição aos fantasmas incestuosos. Assim algumas raparigas não conseguem ultrapassar a autoridade dos pais, nem retirar a ternura de forma completa (Delaroche, 2006).

Segundo Bion (1991), relativamente à relação materna e paterna, debruça-se sobre exactamente, o ataques às ligações. Assim o seio ou o pénis representam um elo de ligação, sendo a relação de um sujeito com uma função e não com o objecto que serve a uma dada função numa idade mais precoce. Citando Melanie Klein (1934), este autor refere a importância de ataques sádicos do bebé ao seio da mãe, criando duas imagos, uma boa e outra má, introduzindo a “introjecção do objecto bom, primeiramente o seio materno, como pré-condição para o desenvolvimento normal.” Por sua vez os ataques ao elo de ligação são sinónimos de ataques ao espírito da mãe. Assim, o elo de ligação entre o bebé e o seio da mãe vai depender da identificação projectiva. O resultado é um objecto que, uma vez instalado no sujeito, exerce a função de um Superego severo e destrutivo em relação ao Ego. Caso o seio seja sentido como fundamentalmente compreensivo, ele será transformado, pela inveja e pelo ódio do bebé. Se este seio apresenta uma identificação projectiva negativa/agressiva, o seio foi introjectado como “mau” seio. Melanie Klein, por sua vez refere que antes do desmame, a criança vive num mundo em que ela cria uma imagem do seu

vivido corporal, conforme o seio que pode ser “bom” ou “mau”. Posteriormente ao desmame, o objecto da mãe torna-se total e pode ser perdido (fase depressiva), numa ambivalência em que o “bom” e o “mau” objecto são apenas um, nascendo nesta altura o complexo de Édipo em que a frustração leva a destruir o objecto libidinal. Temendo uma punição, a criança introjecta este objecto que teme destruir – Superego precoce (objecto introjectado).

Na altura da puberdade, o Ego tem de sofrer um desenvolvimento em que estão presente as pulsões auto-eróticas. Mais tarde, é este narcisismo do Ego que vai reunir as pulsões sexuais pré-genitais, conseqüentemente seguida pela “organização infantil” e pelo “falo”. O narcisismo primário em falta é compensado pelo secundário, frequente na adolescência. É também nesta fase que realmente o complexo de Édipo, depois de um período de latência, vai permitir identificar barreiras contra o incesto. O acesso à genitalidade adolescente vai permitir que tanto o rapaz como a rapariga passem de castrado a não castrado, o que está longe de facilitar a resolução do complexo. No rapaz complica-o, pela dificuldade da mudança de objecto, uma vez que a mãe passa a mulher, e no caso da rapariga pela expectativa do dom paterno que corre o risco de se prolongar (Delaroche, 2006).

Na adolescência ocorre com a reactivação do complexo de Édipo a reavivação da figura do Ideal do Ego ao mesmo tempo externa ou interna. Mas se esta figura interna comporta muitos aspectos significantes paternos, a figura externa é deslocada para outra pessoa que não o pai, sendo que para Freud era uma forma do adolescente sair do Édipo (Delaroche, 2006).

Segundo Braconnier & Marcelli (2000), à medida que as transformações físicas ocorrem, as relações externalizadas e internalizadas com os pais vão ter de se transformar. Assim o impacto da maturidade sexual leva a que o adolescente já não possa conservar a sua “inocência”. Nesta fase, o sujeito confronta-se com a ameaça fantasmática incestuosa, mas também com eventuais desejos parrícidas, por vezes quase inconscientes. A reorganização da ligação aos pais está dominado por um duplo desafio, por um lado a necessidade de se separar contra a ameaça de se perder e por outro lado a possível conquista de autonomia, contra a ameaça potencial da depressão. A passagem da infância à adolescência caracteriza-se então pela passagem do fantasma do abandono próprio da criança, ao fantasma incestuoso e parrícida próprio do adolescente.

Fairbairn (2005), retrata a importância das relações objectais. De acordo com este, subjacente à libido está a procura do objecto e não a procura do prazer e gratificação sexual. Esta gratificação, é simplesmente um veículo de conexão e ligação com os outros. Considera o Ego o recipiente das energias psíquicas, o conjunto das funções de organização e mediadoras, todas em busca da relação com o objecto. Onde exista a agressão é a reacção à

frustração libidinal, não a um impulso por si próprio. Relativamente ao desenvolvimento, considera uma evolução em modos de relacionamento, definindo a fase *Independência Infantil* que é caracterizada pelo sentimento de fusão da criança com a sua mãe e em que o mundo e ela própria são um único objecto. A sobrevivência da criança depende da presença da mãe e de uma relação harmoniosa. Desistindo desta dependência infantil a criança teme a perda dos objectos surgindo uma nova fase, a fase da *Dependência adquirida* que representa uma fase de interdependência saudável e mútua entre adultos. O egoísmo da dependência infantil e a troca da fase de transição, dá lugar à generosidade, à fase altruísta da fase adulta. Claro que a transição nunca é completa, e as inseguranças estão presentes ao longo da vida. Assim, os objectos primários do ego provêm da relação com as pessoas, sendo que a realidade interfere com esta ligação mãe-criança requerindo a criação de objectos internos. No caso de conter objectos maus e frustrantes, o ego fragmenta-se. No caso de relações com o objecto insatisfatórias, a fragmentação persiste. Se o ego é forçado a manter-se fragmentado para permanecer em contacto com representações dos outros, um genuíno *self* não pode emergir.

Numa mesma abordagem desenvolvimental, Freud enuncia determinadas fases de desenvolvimento que são respectivamente a fase oral, em que a actividade psíquica concentra-se em fornecer satisfação às necessidades através do seio da mãe, a fase anal-sádica em que predomina a satisfação na função excretória, a fase fálica, que é uma precursora da forma final assumida pela sexualidade infantil que atinge o seu ápice e depois caminha para a dissolução surgindo o período de latência. Com a puberdade, então a vida sexual avança mais uma vez (Bodstein & Arruda, 2006).

O recalçamento pode estar presente ao longo da vida do indivíduo e diz respeito à operação pela qual as experiências e as representações ligadas a uma pulsão são mantidas inconscientes (Laplanche e Pontalis, 1979 citado por Bodstein & Arruda, 2006).

Desenvolvimento sexual da rapariga e construção do feminino

Segundo Guiter (2002), um dos problemas principais, consistirá por exemplo se a mãe conseguirá transmitir ou não à filha formas de vínculo e de representações valorativas contraditórias. Uma mãe que se identifica com a sociedade em que vive, idealiza tudo o que é masculino, seja o pai, seja todo o poder fora da família, permitindo dentro desta, regressões e formas infantis de relação. Essa filha reconhece a desvalorização de tudo o que é feminino e por fim, da sua própria pessoa. Em conclusão, de tudo isto depreende a importância da atitude dos pais para com a feminilidade.

Segundo Birman (2001), a singularidade do complexo de Édipo no caso da rapariga está em começar no ponto em que a resolução do complexo de Édipo do rapaz termina, ou seja, na ameaça de castração. Para a rapariga, a ameaça de castração não teria efectividade, devido à sua constatação anterior de ausência do pénis, que levaria ao ódio pela figura materna, por tê-la desprovido desta herança, substituindo-a no amor pela figura paterna, na expectativa de que este dar-lhe-ia o que a mãe lhe negara. Com a interdição do corpo paterno, a resolução do complexo de Édipo da rapariga dar-se-ia na substituição do pai por outro homem que lhe proporcionaria um substituto fálico. Conclui-se que o Édipo feminino começa quando o do rapaz termina.

O conceito de feminilidade rompe com o modelo sexual fálico anterior, que se baseia em torno do falo, entre ter e não ter o falo. Assim a feminilidade, apesar do nome, não seria nem atributo específico do género feminino nem do masculino uma vez que ambos construíram-se pelo signo falo, ou seja, pela posse ou pela ausência. A feminilidade implica a renúncia ao erotismo fálico, o que produziria horror tanto nos homens como nas mulheres, levando-os a uma visão de desamparo, sendo que este se visualiza numa situação de abandono, numa desfalização da sexualidade, numa renúncia ao sentimento de onipotência e arrogância, de forma a constituir novas possibilidades de erotismo e sublimação. Seria então um estado que antecede a organização fálica, remetendo-nos às nossas origens, à condição de finitude e imperfeição que marca a essência humana desde o nascimento, construir-se-ia como mecanismo de defesa sobre o sentimento de desamparo da feminilidade, vivida pelo sujeito na sua origem (Birman, 2001 citando Freud 1973).

Segundo Melanie Klein (1997), a criança passa durante a época da puberdade por revoluções mentais devido à intensificação dos seus impulsos acompanhados por mudanças somáticas. Na rapariga, o início da menstruação dá um reforço adicional à sua ansiedade.

Confirma também que as frustrações que a rapariga passa nesta fase relativamente ao seu narcisismo causam um grande impacto, acreditando que o efeito patológico destas se deve à circunstância de reativarem, nela, medos passados.

Segundo Melanie Klein (1997), como resultado das frustrações orais que a rapariga vive com a mãe, esta afasta-se e o pénis do pai torna-se o seu objecto de satisfação, criando uma nova pressão para que dê importantes passos no desenvolvimento. A rapariga desenvolve fantasias com a mãe e o pai, sendo que este introduz o pénis no corpo na mãe e esta por sua vez dá o seu seio, formando o núcleo das teorias sexuais arcaicas que despertam sentimentos de inveja e ódio nela quando é frustrada por ambos os pais. A teoria sexual, de que a mãe é a fonte de nutrição, cujo corpo contém tudo o que é desejável até o pénis do pai, leva a que aumente esse ódio da rapariga pela mãe em função da frustração que contribui para a produção de fantasias sádicas. Em consequência a medos de punição, essas fantasias representam a ansiedade profunda da menina.

Melanie Klein (1997), refere que as tendências edipianas da rapariga são então renunciadas pelos desejos orais do pénis do pai, que se fazem acompanhar, nos estágios iniciais do conflito edipiano, de impulsos genitais. O desejo de roubar da mãe esse pénis e incorporá-lo nela é um factor fundamental no desenvolvimento da sua vida sexual. Citando Freud, o complexo de castração que introduz o complexo de Édipo da rapariga e o que a faz afastar-se da mãe é o ressentimento por lhe ter negado um pénis. Klein por sua vez refere que a mãe ao não ceder o pénis do pai como um objecto de satisfação juntamente com a queixa anteriormente referida é a fonte mais profunda do ódio que a rapariga sente pela mãe como resultado das tendências edipianas.

Quando a rapariga se direcciona para o pénis do pai, diversos são os factores, conforme Melanie Klein (1997) refere, que determinam a intensidade do seu desejo. As exigências dos impulsos orais de sugar o seio como sofreu com a mãe, criam na sua fantasia o pénis do pai como um órgão que pode dar-lhe uma satisfação oral plena e infinita. As fantasias da rapariga sobre os poderes do pénis do pai emergem dos seus próprios impulsos sádico-orais, sádico-uretrais e sádico-anais, que também atribuirá a estas propriedades extremamente perigosas. Faz referência ao estágio da incorporação parcial do objecto que é representado por uma parte desse mesmo objecto, logo o pénis do pai representa-o como um todo. Assim as imagos parentais mais arcaicas da criança, o núcleo do Superego paterno, são resultados do pénis do pai. O carácter aterrorizador e cruel do Superego nas raparigas e nos rapazes deve-se ao facto de ambas começarem a introjectar os seus objectos num período de

desenvolvimento em que o sadismo se encontra no auge. Assim estas imagos assumem o aspecto fantástico com que os seus impulsos pré-genitais dominantes os dotaram.

Para manter este impulso que é o objecto edipiano verifica-se que nas raparigas é mais forte do que no rapaz, sendo que em circunstâncias normais as tendências edipianas da rapariga encontram-se num grau muito maior sob o domínio de impulsos orais relativamente às do rapaz. Assim Klein (1997), menciona que é importante para a formação do Superego e para o desenvolvimento da vida sexual da rapariga, se as fantasias que prevalecem são as de um pénis “bom” ou de um pénis “mau”. Em qualquer dos casos a rapariga, sendo mais subordinada ao pai introjectado, está sob influência dos poderes deste para o bem ou para o mal do que o rapaz está em relação ao seu Superego.

Em situações favoráveis, a rapariga favorece na existência de um pénis introjectado perigoso, bem como de um pénis benéfico. Como resultado, surge uma ansiedade na criança bem como ao adulto que procura experiências sexuais (Melanie Klein, 1997).

Quando a filha começa a ter medo do pénis introjectado, volta-se para a mãe. Se a atitude primária em relação à mãe foi dominada pela posição oral de sugar, de fortes elementos positivos, será capaz de ir buscar abrigo em certa medida na *imago* materna “boa” contra a *imago* materna “má” e contra o pénis “mau”. Se não se verificar essa relação materna, o medo da mãe aumenta o medo do pénis e dos pais unidos no coito.

O complexo de castração para Melanie Klein (1997), é igualmente importante neste desenvolvimento sexual da rapariga. A identificação com o pai expressa na fase fálica traz as marcas da inveja do pénis é afectada pela ansiedade proporcionada pela posição feminina da rapariga e como posição masculina que ela adopta em cada uma das fases de desenvolvimento. Quando renuncia o seio da mãe e direcciona-se para o pénis do pai (objecto de satisfação), ocorre uma identificação com a mãe. Mas quando ocorre a frustração nesta posição muito rapidamente passa a identificar-se com o pai que, na sua fantasia, obtem satisfação através do seio da mãe e de todo o seu corpo que foi forçada a abdicar. Surgem sentimentos de ódio e de inveja pela mãe bem como desejos libidinais que convergem para criar essa identificação arcaica da rapariga com o pai sádico. Nesta identificação a enurese desempenha um papel importante. O acto de “molhar-se” num sentido mais arcaico, remete para uma posição feminina.

Melanie Klein (1997), ainda refere que, na fase sádica, a rapariga põe a sua máxima crença nos poderes mágicos dos seus excretos. Também a crença na onipotência das suas funções urinárias leva a identificar-se com o pai sádico, a quem atribui poderes sádico-uretrais em virtude de possuir um pénis. O “molhar-se” representaria uma posição masculina

para a criança com o pai sádico, um meio para destruir a mãe, sendo que se apropria do pénis do pai, castrando-o na sua imaginação. Assim, para a rapariga nas suas fantasias masturbatórias mais arcaicas ela identificou-se alternadamente com cada um dos pais.

O ressentimento original contra a mãe por tê-la impedido de obter o pénis do pai como um objecto libidinal adquire forças com o seu novo ressentimento por lhe ter recusado um pénis, como um atributo de masculinidade, e o duplo ressentimento leva-a a afastar-se da mãe como um objecto de amor genital. Por outro lado, os seus sentimentos de ódio contra o pai e a inveja pelo pénis, que surgem da sua posição masculina, bloqueiam mais uma vez o seu caminho de adquirir um papel feminino (Melanie Klein, 1997).

De acordo com a sua experiência Melanie Klein (1997), diz que a rapariga depois de ter deixado a fase fálica, passa ainda por uma fase pós fálica, na qual ela faz a sua escolha entre o reter a posição feminina ou abandoná-la. Antes de entrar no período de latência, a posição feminina, que atingiu o nível genital e é passiva e maternal no carácter e que envolve o funcionamento da sua vagina com referência ao representante psíquico desta, está estabelecida no que lhe é fundamental. As alterações importantes que ocorrem na função da vagina como resultado das mudanças biológicas que a rapariga sofre na puberdade e da sua experiência no acto sexual, levam ao desenvolvimento psicosexual da rapariga ao seu estágio final que a tornam uma mulher no sentido plena da palavra.

Conclui-se através das teorias Kleinianas (1997), que a vida pulsional arcaica da criança e a pressão da realidade sobre ela interagem mutuamente e que a sua acção modela o seu desenvolvimento mental. A realidade e os objectos reais afectam as suas situações de ansiedade que ela desloca para o mundo externo e que deste modo ajudam no curso da sua vida pulsional. O comportamento destes objectos e a natureza das suas experiências contribuem deste modo para o fortalecimento e também para o enfraquecimento das situações de ansiedade dominantes na criança. Deste modo, devido a interacções dos mecanismos de projecção e de introjecção, os factores externos influenciam a formação do superego e o desenvolvimento das suas relações de objecto e pulsões que também ajudarão a determinar o resultado do seu desenvolvimento sexual.

Por exemplo, se a criança se dirige ao pai à procura de amor, confirmará na crença do pénis “bom” dentro dela, contrabalancará a sua crença no pénis “mau”, mas muitas vezes crescerá perante uma atitude masoquista e o “pai sádico” pode até mesmo se tornar condição real de amor, ou o comportamento dele com a criança pode aumentar os seus sentimentos de ódio e de ansiedade contra o pénis. A atitude do pai em relação à criança não é a única coisa que ajuda a decidir o tipo de pessoa por quem se apaixonará. Se a favorecer ou a negligenciar

muito em comparação com a mãe ou as irmãs, em que medida ela será capaz de manter a sua posição feminina e naquela posição desenvolver um desejo por uma imago paterna amorosa que também depende do seu sentimento de culpa em relação à mãe e, assim da natureza da relação entre a mãe e o pai (Melanie Klein, 1997).

Melanie Klein (1997), refere que ao dividir a mãe em “boa” mãe e em “má” mãe e o pai em “bom” pai, e “mau” pai, enquanto dirige as suas tendências restauradoras para a mãe boa e para o pai bom, na sua fantasia tenta compensar o dano que fez às imagos parentais nas suas fantasias sádicas. Mas se a sua ansiedade ou por razões realistas os objectos edipianos não se tornaram imagos bons, outras pessoas podem em certas circunstâncias assumir o papel de “boa” mãe ou de “bom” pai. Assim, os seus sentimentos positivos, cujo desenvolvimento foi inibido devido ao seu excessivo medo dos objectos edipianos, podem vir para primeiro plano e vincular-se a um objecto de amor.

Toda esta problemática no desenvolvimento sexual da rapariga é importante para perceber como o pré-adolescente se identifica perante uma figura materna e paterna em falha, ou seja, representativos de um “mau” objecto.

Formulação do problema

Após a revisão de literatura, verifica-se no que diz respeito ao desenvolvimento da imago materna e paterna, que esta está condicionada pelo modelo que os pais transmitem ao longo da vida aos seus filhos. É necessário, então, uma reavaliação do papel destes, bem como o peso na construção equilibrada do futuro adulto.

A violência tem profundos efeitos no desenvolvimento da criança. Afectam a vivência e experiência no seu mundo, bem como a forma como vão construindo a sua imagem. Tendem a vê-lo como um lugar perigoso e imprevisível. Assim, este tipo de situações, o uso da violência, podem levar a que a criança acredite que é a única e melhor forma de resolver os seus problemas (Zuckerman, 1999).

Assim, interessa estudar as imagos parentais que se encontram em mudança na pré-adolescência, sendo que as implicações são inúmeras, tais como, a importância da entrada na pré-adolescência, a forma como passa a ser feita a individuação relativamente às imagos parentais, e como é a qualidade das mesmas influenciada pelos pais reais.

Como será feita a representação destas figuras parentais de uma pré-adolescente? O tema abordado aqui será uma investigação inovadora, enfrentando o desafio de procurar respostas neste sentido.

Por sua vez e associada a esta, a violência doméstica passa a ter um peso muito maior na fase em que o conflito edípico é revivido e o medo do incesto é mais forte.

Será que para uma criança que esteve exposta a violência, a forma de realização do Édipo também é feita da mesma forma? Pois pela lei natural do desenvolvimento o pai é objecto de amor e fascínio. Fascínio esse que em caso de exposição à violência por parte do pai, deverá ser representado por estes, hipoteticamente, de uma forma diferente.

Finalizando o problema deste trabalho, as imagos parentais alteram-se tal como a identificação destas raparigas que foram expostas a violência doméstica.

3. Método

Delineamento

O objectivo deste estudo passa por estudar as imagos parentais das raparigas pré-adolescentes que foram expostas a violência doméstica, como se definiu na formulação do problema. Para isso, no método considerou-se importante a utilização de dois grupos de estudo, um deles com as seguintes características: raparigas expostas a violência doméstica e uma segunda amostra de raparigas não expostas a essa situação. Este é um estudo comparativo, como o objectivo de retirar conclusões à posteriori das comparações feitas.

Sendo assim, com este estudo pretende-se analisar a dinâmica em volta das identificações materna e paterna da amostra de sujeitos expostos a violência doméstica. Em termo de comparação recolheu-se uma amostra com características diferentes, efectivamente, pré-adolescentes não expostas a violência doméstica, para de seguida tirar conclusões sobre as diferenças encontradas. Para isso utilizou-se um método qualitativo, utilizando um teste projectivo na recolha das amostras, em locais distintos num único e determinado momento para cada um dos grupos.

Participantes

Participaram neste estudo 20 raparigas de 13 anos: 10, provenientes do Instituto da Sãozinha, expostas a violência doméstica e 10, provenientes da Escola Secundária de D.Dinis.

A participação dos sujeitos foi voluntária sendo que apenas responderam aqueles que se sentiram à vontade para o fazer.

Procedimento

A recolha de dados foi realizada na Escola Secundária de D.Dinis (Marvila /Lisboa) e no Instituto da Sãozinha (Ota). Estas instituições apresentam contextos socioeconómicos, culturais e familiares diferenciados.

Em ambos os locais foi pedida autorização verbal e escrita através da apresentação de uma carta de consentimento.

Na Escola Secundária de D.Dinis e no Instituto da Sãozinha, aplicou-se o teste projectivo T.A.T, às 10 raparigas, individualmente e em diferentes momentos. Foi-lhes pedido, depois de sugerido o determinado cartão, para contar uma história minimamente adequada ao estímulo, usando a sua imaginação. Para cada cartão (4 cartões), registou-se a história desenvolvida.

Instrumento

Para realizar este estudo foi relevante a utilização do teste projectivo – T.A.T (*Thematic Apperception Test*), criado em 1935 na Harvard Psychological Clinic, prova de personalidade, resulta de mecanismos que ultrapassam a projecção e constitui um dos melhores instrumentos do psicólogo clínico (Shentoub e colaboradores, 1999).

Este método projectivo desempenha um papel auxiliar importante no processo de atribuir sentido à lógica interna que sustenta as condutas de um determinado sujeito. Através da projecção consegue-se perceber o percurso que cada sujeito trilha (Marques, 1994).

O T.A.T é constituído por trinta e uma imagens, que podem ser divididas em séries destinadas aos adultos do sexo masculino e feminino, bem como aos rapazes e raparigas com idades superiores a 10 anos.

Nas imagens estão presentes personagens de idade e sexo diferentes representadas em determinadas situações. Podem também conter imagens de paisagens pouco estruturadas (Shentoub e colaboradores, 1999).

Neste estudo, o objectivo da sua utilização, é perceber o funcionamento mental de cada sujeito, nomeadamente as identificações das imagos parentais e a sua individuação. Perceber também como se estabelece a relação heterossexual, face a situações que remetem para a libido e/ou agressividade.

Os cartões apresentados aos sujeitos foram os seguintes: cartão 4, cartão 7 BM, cartão 7 GF, cartão 10, cartão 13 MF (Anexo 1). Foram escolhidos exactamente porque remetem para o conteúdo latente típico, uma vez que o objectivo é analisar como é feita a identificação materna e paterna, bem como a individuação do sujeito em questão.

Os **objectivos específicos** de cada um destes cartões, são:

- Através das diferentes problemáticas associadas, que vão sendo regularmente solicitadas pelos cartões do T. A. T, da análise e interpretação do material apresentado aos sujeitos, inscrevendo-se em duas perspectivas, pretende-se identificar a representação de si, de acordo com os eixos de identidade bem como a representação de relações objectais estabelecida por cada um.
- Identificar se ocorre a ligação dos movimentos libidinais e agressivos, que permite ao sujeito estabelecer ao mesmo tempo, a continuidade do objecto, a continuidade narcísica do sujeito e o seu acesso à ambivalência. Em oposto refere-se a desligação indica, uma brusca libertação de energia que remete para a descarga sob a forma de excedente de excitações.
- O **cartão 4** no seu conteúdo manifesto representa um casal, uma mulher junto de um homem que se afasta. A diferença de sexos é evidente, mas não existe diferenças de gerações. Relativamente ao conteúdo latente este cartão remete especialmente para o conflito pulsional de uma relação heterossexual, sujeitos que podem demonstrar agressividade e/ou libido, sendo que aqui está extremamente representado o dualismo pulsional. Pode-se encontrar neste, tomadas de posição alternativas masculinas ou femininas em que o homem pode ser percebido como forte e potente e a mulher frágil e dependente, podendo noutros casos observar-se o contrário. Está também presente, com a introdução de uma terceira personagem, a problemática edipiana, reactivando a rivalidade das duas mulheres pelo homem.
- O **cartão 7 GF** no seu conteúdo manifesto representa uma mulher, com um livro na mão inclinada para uma rapariga com uma expressão sonhadora segurando um boneco nos braços. Marca a diferença de gerações sendo mesmo acentuada pela presença do boneco, verificando-se a imaturidade funcional através da posição da menina. Este cartão pode reactivar a problemática das relações mãe-filha relativamente à rivalidade de identificação e a interações precoces mãe-criança. Verifica-se então a qualidade dos laços mãe-filha, sendo que possa ser capaz de representar uma “mãe suficientemente boa”.
- O **cartão 10** no seu conteúdo manifesto representa a proximidade num casal, representados apenas nos rostos de cada um. Imagem pouco clara sendo que não se

interpreta a idade e sexo das personagens. Aqui não existe diferença de gerações. É relevante o carácter vago e sombrio do material bem como os contrastes negro/branco. Relativamente ao latente este reenvia para a expressão libidinal num casal – proximidade do tipo libidinal. Será que existe reconhecimento da ligação sexual entre os dois parceiros, ou a acção de defesas importantes para lutar contra essa representação? A elaboração e o declínio do conflito edipiano é visto pela ligação de ternura e a sexualidade.

- O **cartão 13 MF** apresenta um carácter crú do material manifesto. Um homem de pé no primeiro plano com o braço diante do rosto e em segundo plano uma mulher deitada com o peito desnudado. Remete para os movimentos pulsionais sexuais e agressivos.

Podem então surgir questões pertinentes como por exemplo: “Existirá estabilidade da identidade ou, pelo contrário, a unidade identitária é difícil de realizar?”; “As personagens são diferenciadas umas em relação às outras?”; “As identificações são claramente colocadas e as referências sexuais estão claramente estabelecidas ou não?”; “Os movimentos libidinais e agressivos são referenciáveis?”; “Há uma ligação possível entre eles ou, pelo contrário, são os processos de desligação que prevalecem?”; “As representações de relações traduzem um conflito de ambivalência, ou, pelo contrário, uma tendência, mais ou menos importante, para a desintração pulsional?”(Shentoub & colaboradores, 1999)

4. Resultados obtidos

Num primeiro momento, após a recolha da amostra na Escola Secundária de D.Dinis, procedeu-se à análise cartão a cartão de cada sujeito, que compreende a codificação de todo o discurso com a ajuda de uma folha de decomposição. De seguida trata-se de identificar os procedimentos utilizados nas respostas dadas por cada sujeito face aos cartões 4, 7 GF, 10 e 13 MF. Num segundo momento realizou-se uma síntese das informações obtidas para propor finalmente hipóteses referentes à organização do sujeito face à sua relação com a função materna e paterna.

Na primeira amostra, recolhida na Escola Secundária de D.Dinis, os resultados obtidos foram os seguintes:

Para o primeiro sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito faz evidência a uma imago paterna rejeitante, e coloca a imago materna em posição de desvantagem, sendo que se encontram em conflito. Apesar de descrever a figura masculina com algum desinteresse pela figura feminina, o sujeito mobiliza-se para a relação. A problemática centra-se na relação do casal.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito não vê logo a diferença de gerações. Faz a identificação de uma mulher e de uma menina – ambiguidade. Refere o bebé edipiano como sendo um boneco que é o seu prolongamento narcísico, algo que estima. Parece lidar mal com a maternidade, rebaixando a figura materna quando a substitui pela empregada. É-lhe difícil atribuir a responsabilidade de se “livrar” do bebé à sua mãe assim atribui à empregada esse comportamento. A figura materna é vista como rejeitante, desvalorizada – prolongamento das componentes agressivas dela. A imago materna é que é vista como má, uma “bruxa”. Verifica-se então um conflito que projecta cá para fora, e uma certa ambivalência a identificar-se com a mãe.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito encontra-se angustiado, perante o conflito, mas recupera facilmente. Expressa os afectos mas não diz mais nada porque se inibe. Mesmo assim consegue reconhecer a relação libidinal.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito sente-se novamente angustiado. Inibe face à relação de conflito, à sexualidade e à agressividade do casal (cena primária agressiva).

Aparece na expressão da “mulher deitada” um carácter libidinal. As defesas falham e não são constantes, acabando por encerrar o conflito.

Para o segundo sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), a figura masculina é entendida como forte e rejeitante, que não quer perdoar a figura feminina frágil, dependente e submissa, que procura constantemente o seu perdão e amor. Existe aqui uma culpabilização à função materna. Apercebe-se de um conflito entre as figuras mas vagamente descreve (conflito vago). O sujeito evoca uma postura significativa de afectos das personagens.

No segundo cartão (cartão 7 GF), existe um afecto atribuído à menina. Quando se refere do bebé, não é dela, refere como sendo o seu irmão. A figura materna não é suficientemente boa, distanciando-se desta. Poupa-a dos cuidados a ter na sua função materna substituindo-a pela ama. O sujeito ataca o objecto indirectamente quando refere os cuidados que esta não tem com o irmão. Assim verifica-se o espelho da sua relação com a figura materna. Surge alguma confusão entre a rapariga e a ama que cuidam do bebé. A rapariga não quer tomar conta do bebé, logo não se identifica com a função materna. A imago materna é vista como depressiva e rejeitante uma vez que a criança não se sente cuidada.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito verifica um conflito que acaba por não abordar sendo que apresenta alguma dificuldade em referi-lo, assim, repara-o. Ocorre a anulação, banalização do conflito – angústia fóbica. Evita também o tema da sexualidade do casal. Não faz identificações das figuras masculina e feminina.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito não se compromete (defesas internas). Aborda uma relação libidinal bem como a perda, o luto, mas acaba por encerrar esta relação. A agressividade não aparece explícita e novamente não faz as identificações da figura masculina e feminina.

Para o terceiro sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), a identificação é feita à distância. Faz referência à relação libidinal, mas o polo de atenção é exterior a estes. Verifica-se então uma defesa à relação, tal como ao conflito.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito demonstra uma maior proximidade face à idade da babysitter, mas faz um distânciamento face à profissional que presta cuidados. Existe um momento de partilha, momento esse de intimidade no que refere à figura que conta uma história à rapariga. De seguida anula, desvitaliza o que foi dito anteriormente, e acaba por não considerar o bebé, um filho, mas sim um nenuco. Provavelmente estamos perante uma menina muito pequena que precisa de cuidados de uma babysitter.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito identifica convenientemente as figuras masculina e feminina, bem como uma postura significativa de afectos. Estão numa relação de afecto, de ajuda. Remete para a depressão e subentende-se que não existe uma separação.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito centra-se na figura masculina. Não sabe se este está cansado ou aborrecido. Evita a relação quando refere que a figura feminina está a dormir. Defende-se em relação ao conflito, apesar desde estar presente. Reforça que são um casal mas com muitas precauções. As defesas não são eficazes, ao tentar evitar o conflito mesmo com cautela acaba por lá chegar.

Para o quarto sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito recusa o cartão. É rejeitante. Este cartão é sentido de uma forma narcísica – desvalorização narcísica. Os silêncios demonstram a ansiedade. A figura feminina é rejeitada/ignorada pela figura masculina.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito faz uma desvalorização da figura materna. Aparece também a marca da culpabilidade edipiana, como incapacidade funcional do sujeito. Afasta-se do conflito e distânciase. Não estabelece uma relação entre as duas figuras, senhora e rapariga, mas coloca-as no mesmo cenário com o bebé edipiano. De seguida distânciase do bebé, rejeitando-o, seguido da culpabilidade. Regride o bebé que passa a boneco.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito descreve o conteúdo do cartão utilizando uma série de precauções verbais. Identifica as figuras masculina e feminina, bem como a relação

do casal. Parece que a figura feminina não existiu durante muito tempo, sendo que aborda um “reencontro”, o “matar saudades”. Mesmo assim, o sujeito refere a relação libidinal, mas evita falar sobre esta. Assim deduz-se que pode ter sido uma relação do passado mas que não era efectiva.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito faz a descrição da imagem. Agarra-se aos pormenores porque parece estar angustiado. Contrasta a figura feminina deitada desnuda com o homem vestido, de fato. Retira-o da cama e da relação libidinal. Aparece a culpabilidade mas com algumas precauções. Põe rapidamente o homem no emprego, sendo uma maneira defensiva. Em oposição remete para a passividade da mulher com a actividade agressiva do homem. Existe o poder da figura masculina sobre a figura feminina, uma relação sado-masoquista.

Para o quinto sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito apresenta uma actitude fóbica inicial. Situa-os bem na relação. Existe uma ambivalência entre a relação heterossexual, entre agressividade/violência.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito possivelmente viveu o que descreveu. Promove a continuidade de um cartão para o seguinte. A imago materna, já não é mãe, é empregada, desvalorizando-a, passa a substituta materna. Refere o bebé edipiano, mas ocorre uma hesitação sobre a interpretação, uma ambivalência. Não pode ver a cena primária, que é efectivamente uma cena agressiva. A clivagem surge para promover a continuidade da relação entre o casal na cena primária para a figura materna ser representada como boa mãe, que toma conta dos filhos.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito distânciava a empregada para colocar um casal. Nota-se alguma dificuldade em aceder à relação libidinal, não sabe se é bem uma relação de amor, evitando a libído. Coloca-se muito à distância. O sujeito faz um anonimato da figura masculina, assim, apenas interessa a empregada, como vemos na representação do casal parental kleiniana, o pai está centrada na filha.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito não vê uma relação libidinal, mas sim uma relação de agressividade. Nota-se que é mais fácil abordar a agressividade, sendo que depois a abandona, mas existe uma relação de violência dentro do casal.

Para o sexto sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito evoca receio de perda. Identifica a figura masculina e feminina bem como a relação libidinal, com algumas precauções. Está perante a cena primária. Evidencia um conflito moderado entre eles, suavizando a discussão. Tenta reparar esse conflito que não é muito importante, um desejo de reparação feminino.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito mostra alguma ambiguidade. A expressão “ter na mão”, que significa afastada do corpo. A menina é vista como pouco contentora, protectora. A figura materna é desvalorizada, utilizando uma forma depressiva de identificar a figura materna. Aborda também a angústia, uma relação duvidosa entre a figura materna e o bebé. Recalca o impulso incestuoso, mas demonstra o desejo de viver com a mãe. Existe aqui um triângulo edipiano - mãe, pai e sujeito, e um triângulo edipiano incestuoso – menina, bebé (irmão ou filho) e pai. Tenta pôr para trás a representante da relação incestuosa.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito apresenta dificuldade em ver a relação libidinal, mas identifica-os como casal. Está presente a problemática da separação. Fala da separação mas espera que a figura masculina volte. O sujeito demonstra um afecto depressivo dentro duma problemática anaclítica.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito entra facilmente neste, mas perante os conteúdos agressivos têm mais dificuldade. Apresenta alguma contenção e defesa. A figura masculina é tida como agressiva, destrutiva (sadismo masculino) e violenta que se defende para camuflar a agressividade. A punição é enorme quando refere “Oitenta anos de cadeia, mais morte”. Começa a falar de um disfarce, mas não sabe como. Desconfia-se que a figura masculina matou a mulher. Está presente a agressividade calculada, pensada. O polícia surge como elemento persecutório, egóico. Aparece também aqui a fuga à preseguição. Relativamente à mulher, não se identifica com esta. Parece não ter importância, pois está morta.

Para o sétimo sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito não identifica as figura masculina e feminina. Verifica-se então um anónimo das personagens. Demonstra alguma aflição perante o cartão. Identificava-se com a situação e por isso tem de a conservar anónima. Centra-se de seguida na figura feminina, sendo que se identifica com esta. Evita falar da figura masculina com medo da rejeição.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito não refere quem é a figura feminina. Isola as personagens. Não refere relação entre a senhora e a menina. Aparecem duvidas face à geração da menina. Não estabelece relação com nenhuma das personagens. Apresenta um desejo de conhecimento e de identificação, quando refere a atenção da rapariga ao ouvir a história. Tenta identificar-se com a imago materna, que recebe desta ensinamentos.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito apresenta dificuldade em ver. Faz algum isolamento. Verifica-se o anónimo das personagens bem como a instabilidade das identificações. Quando refere “beijo na testa”, remete para a questão dessexualizada, apesar de mencionar uma relação de amor. Os afectos são expressados à minima, quando fala do carinho um pelo outro. Não consegue estar perante a cena primária, mas ela aparece dentro. É pois uma relação incestuosa para o sujeito. Conclusivamente verifica-se exclusão na relação e um Édipo não resolvido.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito não concretiza uma relação entre as figuras masculina e feminina. Não se sabe de onde provém a agressividade. Refugia-se à agressividade pois não consegue ver. O sujeito não refere que foi a figura masculina que matou a mulher, mas sim que a encontrou morta. Faz assim uma recusa à realidade, da agressividade/violência. Coloca-o então à distância com a utilização de várias precauções verbais. Apresenta uma angústia, provocada pelo fantasma do matricídio.

Para o oitavo sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito apresenta uma precaução muito cautelosa. Não refere a figura feminina e centra-se no homem. Estabelece a relação mas elimina um, foge ao papel numa relação libidinal. Centra-se no poder masculino. A figura masculina apresenta uma postura rejeitante, parece fugir à relação. No sentido da agressividade, ela evita abordar a relação. A figura feminina é vista como contida e a figura masculina por sua vez é vista como agressiva e não contido. A imago paterna é então agressiva e rejeitante.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito descreve o que vê no cartão. Verifica a inexistência de relação entre a senhora e a menina. Não identifica a senhora como mãe tal como também não identifica a rapariga. A fantasia está quando refere que o bebé é dela. Friza que estão separadas, cada uma para seu lado.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito encontra-se em negação. Não quer ver nem quer perceber. Fala da relação libidinal e evoca a cena primária – voyeurismo.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito passa a descrever o casal, mas distancia-se. Deixa de se defender e aborda a agressividade. Não aguenta muito tempo essa defesa. Não identifica a figura feminina. Apenas fala da história da figura masculina perante a feminina, sendo este visto como agressor.

Para o nono sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito fala de uma relação agressiva, entrando logo no conflito. A figura masculina é rejeitante, sendo que abandona a figura feminina. Homem visto como sádico. Pode remeter para a traição da mulher, sendo esta culpada por tal rejeição. Apresenta uma defesa perante a separação e o termino da relação, pois dirige-se para o início desta. Encerra de seguida para não haver mais conflitos.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito remete para a relação entre a figura materna e a filha, sendo que a primeira magoa a filha. Fala de uma realidade triste, dos ensinamentos da figura materna, uma vez que passa o testemunho à filha. Escotumiza o bebé, verificando-se um conflito interno e a assunção do papel materno. Não quer vir a ser mãe, não quer ser mãe e mulher. Pode remeter possivelmente para algo passado na sua infância. Não distingue bem a mãe e a filha. Existe uma perda sobre o corpo assexuado, do estatuto infantil e do papel parental protector.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito dessexualiza logo à partida. Parece que não têm nada a ver um com o outro. Verifica-se uma relação de suporte no plano anaclítico. Não identifica nenhuma relação libidinal. Descarta tudo o que sugere a relação entre o casal, que poderá significar a fuga à cena primária. Também não se verifica a ideia de outra geração entre as figuras.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito apresenta dificuldade em ver a relação libidinal, mas facilidade em ver as cenas agressivas. No passado foi familiar à relação mas faz

um afastamento. Não consegue falar desta ambivalência entre relação libidinal e agressividade.

Para o décimo sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito verifica a relação libidinal e a separação. Demonstra bastante angústia. Não surge a reparação nem põe termo à história

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito demonstra o afecto depressivo perante a representação da relação mãe-filha. Identifica uma figura, que vai buscar a figura masculina referida no cartão anterior. Vê o casal parental e quem consola é a ama, suscitando alguma distância. Escotomiza o bebé. Coloca-se no lugar da figura materna quando chora pela partida da figura masculina. Evita a relação edipiana.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito separa-os antes do reencontro. Não fala da relação inicialmente, para depois a referir. Não reenvia para o afecto entre as duas figuras nem pode ver o resto. Interdita a relação entre o casal relacionado com a cena primária.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito fala de uma cena de traição. Toma consciência da traição à figura feminina numa relação libidinal com a figura masculina. O arrependimento está presente. Dá ideia de que a seguir vem a reparação.

Relativamente à amostra retirada no Instituto da Sãozinha, para os sujeitos que estiveram expostos a violência doméstica, os resultados obtidos foram os seguintes:

Para o primeiro sujeito:

O sujeito perante o primeiro cartão (cartão 4) apresenta alguma dificuldade. Verifica-se um riso maníaco. A figura paterna é rejeitante. Não apresenta diferenças nos sexos – unidade parental mas de seguida separa-os. Identifica os sexos, sendo que os unifica mas de seguida separa-os, fazendo desaparecer os mesmos.

Num segundo momento (cartão 7GF) o sujeito faz um distanciamento. Identifica-se com a menina. Põe a mãe e filha em conflito – questão edipiana. A figura materna é vista como frágil, a chorar pela filha que por sua vez é rejeitante, não quer falar com a mãe. De seguida aparece a culpabilidade, mas mesmo assim a figura materna é castradora. O bebé é o seu prolongamento narcísico que neste caso é referido como sendo um gatinho. Por último faz uma regressão, volta a ser infantil na tentativa de reparação, submetendo-se a esta mãe pré-edipiana. Assim a mãe é a culpada, é a rival e a que a afasta da figura paterna. Esta rapariga regride porque não aguenta a situação edipiana.

Perante o terceiro cartão (cartão 10), o sujeito é capaz novamente de identificar as figuras masculina e feminina, estabelecendo uma relação heterossexual entre os dois. Surge alguma agressividade no casal, que se agrirem, uma vez que a filha introduziu uma terceira pessoa para rivalizar com esta, ou introduzindo a sua posição edipiana. Verifica-se alguma confusão de identidades, entre a filha e a mãe – conflito edipiano – ambas disputam a atenção da figura paterna. Numa fantasia pessoal, retrata a resolução do conflito edipiano em que demarca a posição realizada do Édipo.

Finalmente no último cartão (cartão 13 MF), o sujeito está distante das solicitações latentes do cartão, isto é, das representações/afectos que poderia suscitar. Identifica a figura masculina e a feminina. Determina a posição dependente da mulher que “dorme” e a posição de referência, de suporte, de independência da figura paterna que aparece como ausente.

Para o segundo sujeito:

O sujeito num primeiro momento (cartão 4) pede ajuda colocando questões. Afasta a figura masculina (isolamento). Refere que as figuras presentes no cartão são um retrato, isolando-os novamente. Assim estão todos em quadro. Dificilmente aborda o afecto, bem como o conflito e apoia-se novamente ao psicólogo. Põe o homem e a mulher “pequeninos”, para afastar a ideia de uma relação amorosa. Está presente uma relação de amizade, sendo que os dessexualiza.

Num segundo momento (cartão 7 GF), o sujeito aborda a menina e uma tia concreta. Está é uma mãe ideal que orienta a rapariga, mas a tia não é vista como figura materna. Aqui neste cartão o sujeito não vê o conflito, escotumiza o bebé, sendo que a problemática edipiana não aparece. Não apresenta hipóteses concretas, nem o problema da separação.

No cartão seguinte (cartão 10) verifica-se uma dificuldade em abordar a cena primitiva. Não estabelece a diferença entre os sexos, afasta-os e dessexualiza-os novamente. Existe aqui um constante movimento de afastamento e aproximação (dinâmica fóbica), podendo remeter para alguma dificuldade em falar da relação. Não há objecto materno nem paterno, as figuras parentais aparecem indiferenciados.

Por último (cartão 13 MF), surge inicialmente a dificuldade do indivíduo em abordar a relação libidinal. De seguida lá consegue identificá-los, sendo que se identifica com a figura feminina. Evita constantemente a relação mas acaba por projectar no homem (agressivo e violento) o desejo sexual, desejo esse sem culpabilidade (sonho de violação).

Para o terceiro sujeito:

Num primeiro cartão (cartão 4) o sujeito põe à distância. Fala da relação libidinal. A figura feminina aparece como tendo feito algo de mal (fantasia do adultério; traição). Ela quer reparar mas ele é rejeitante, remetendo para a culpabilidade da figura feminina.

No segundo cartão (cartão 7 GF), aparece logo em primeiro lugar, a culpabilidade. Transforma o bebé em gato, e a mãe pelo gato (substituição). A figura materna é vista como inadequada. Assim denota-se que o sujeito rejeita a mãe, sendo que elabora o conflito. Ocorre uma reparação da relação com a mãe, sendo que é uma relação simbólica com o gato em vez de ser com ela. Relativamente ao bebé edipiano, este não é um bebé aos olhos do sujeito,

porque não pode tê-lo. O gato representa um objecto de transição, substituindo a relação com a mãe, sendo que assim deixa de existir um problema incestuoso.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito não tem em conta a diferença de gerações. Identifica-se perante a cena primária (geração adulto-filha). Ocorre uma inversão de papéis pai – mãe. Acaba por se colocar na relação, sendo que esta filha é o próprio sujeito. O pai é dessexualizado, com características femininas, desempenhado as funções maternas. Dramatiza no final do relato referindo um desgosto enorme.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito refere o casal heterossexual, mas não percebe a agressividade entre estes, assim coloca uma vertente depressiva em vez de agressiva. Fala da perda e evita o conflito, sendo que se verifica uma vertente anaclítica da relação.

Para o quarto sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito tem dificuldade em entrar no cartão, mas logo desvaloriza-os. Não identifica ninguém. A rapariga é vista como dependente. Aparece a triangulação, a culpabilidade e a rivalidade no seio do casal. No final já não sabe se é um quadro ou um casal.

Num segundo momento (cartão 7 GF), o sujeito evoca novamente a triangulação, mas tenta desfazê-la. Apoiar-se para ver o bebé que desaparece. Fala do conflito mas de seguida as figuras femininas passam a ser amigas. Foge da influência materna e tem dificuldade em abordar este conflito entre mãe-filha.

No cartão seguinte (cartão 10), o sujeito identifica a relação libidinal. Remete para o casal parental.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito refere o tema da violação. Pensa em defender-se, mas retrata o tema violento, apresentando defesas pouco maleáveis. A figura paterna é agressor e a figura materna vítima, mas as identidades não são definidas.

Para o quinto sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito fala da relação heterossexual que se apresentam em conflito, mas não refere o motivo.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito conta uma história regressiva. O bebé edipiano não é referido pois não pode abordar a rivalidade. Não dá muita atenção à figura materna, mas ela está lá, enquanto brinca. Brinca com o bebé, mas não fala dele, sendo que o escotumiza. Por último, a figura materna passa a estar presente e identifica-se com esta.

No cartão seguinte (cartão 10), o sujeito separa a figura masculina da feminina. Não está presente a relação entre o casal. Recusa-se a ver, está muito contido.

No último cartão (cartão 13 MF), verifica-se uma defesa maníaca. Fala da morte mas não diz como morreu. Em primeiro plano aparece a perda e a angústia depressiva. Inibição face á relação erótica.

Para o sexto sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4) o sujeito constrói uma história romanciada. Não vê a rejeição da figura masculina, negando o conflito, vê um casal ideal, o que desejaria.

Num segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito demonstra alguma aflição, inquietação. Identifica a avó como figura materna, logo distância-a. Refere o irmão, em vez do bebé edipiano, evitando o conflito com o mesmo. Evita o conflito com a mãe e não rivaliza com esta, concluindo-se que a mãe do conflito edipiano não está lá. Este bebé é visto como ideal, identificando-se com este, quando refere a paz, em que tudo é ideal. Evita evocar a identificação da relação mãe-filha. Substitui a imago materna pela avó e identifica o “bebé edipiano” como sendo o seu irmão, alguém que estima. Regrida desta relação para evitar o conflito e apegar-se ao conteúdo manifesto do cartão, para não se confrontar mais com a relação com a avó que parece lhe trazer algum sofrimento. Não identifica a figura materna como protectora, como “bom” objecto.

No cartão seguinte (cartão 10), o sujeito evita um confronto com a relação parental, algum conflito interno demonstrado aqui. Evita referir uma relação de sexualidade. Remete para os seus desejos, as suas fantasias, do ideal de uma relação. Não refere a sua identificação com a figura materna nem paterna, apenas constrói uma história a partir de uma fantasia pessoal.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito reenvia para a cena primária, como uma cena ameaçadora. Demonstra culpabilidade e vergonha. Constrói a história à volta de uma

fantasia pessoal, fora do contexto da imagem. Demarca algum conflito entre a figura masculina e a feminina, e alguma rejeição e agressividade face à postura da imago materna e paterna. Evita o confronto com o conflito, desviando-se deste. Figuras parentais dependentes e sem identificação enquanto casal.

Para o sétimo sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito vê a figura masculina como sendo agressivo, violento e desequilibrado. Aborda o conflito, uma vez que a figura feminina tenta contê-lo, ajudá-lo, surgindo aqui uma desculpabilização. De qualquer forma esta figura que o ajuda, não se percebe muito bem qual o seu papel.

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito faz referência à missa como função reactiva relativamente às fantasias incestuosas com a consequência de não realizar a relação, para não entrar em conflito. A figura paterna não está presente.

No cartão seguinte (cartão 10), o sujeito fala de outra geração, na relação entre o casal. Refere uma perda. A figura masculina desempenha um papel de apoio, que consola a figura feminina. Ocorre uma necessidade de “matar” a figura materna. A relação pode existir porque a mãe encontra-se no hospital e de seguida morre. Assim quando ocorre a morte à figura materna a relação passa a existir.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito começa por fazer um isolamento da relação. Aborda a figura masculina com os olhos tapados, pois não quer ver que a mulher morreu, assim não sabemos qual o interdito. Pede ajuda à figura materna, e de seguida repara a situação quando os refere que serão felizes para sempre, evitando assim falar na morte da mulher. Este homem agrediu a mulher e é dependente da sua mãe. Introduce esta terceira personagem, a mãe da figura masculina, de forma a torná-lo mais humano, uma vez que precisa desta para se apoiar.

Para o oitavo sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito apresenta um riso bastante nervoso, parecendo estar em conflito, um conflito violento visto que demonstra muita angústia e reactividade face à relação e identificação das figuras materna e paterna.

No cartão seguinte (cartão 7 GF), o sujeito mostra alguma inibição, e refere que o que vê é o que se passa lá em casa. Quando se refere à forma de pegar no bebé edipiano, trata-o mal. Escotumiza a figura materna. Assume-se como senhora com o bebé, se estiver lá presente a figura materna.

No cartão seguinte (cartão 10), o sujeito fala da cena primária. Não tem mecanismos inibidores.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito não pode abordar nem a libido nem a agressividade do casal. A figura masculina não pode ver, se não era desencadeador de violência.

Para o nono sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito junta a figura feminina à masculina. Aparece o desejo, fantasiando-os juntos. Esta figura masculina é rejeitante. Acaba por ver o conflito que inicialmente não queria ver.

No segundo cartão (cartão 7GF), o sujeito apenas fala do conteúdo manifesto. Escotumiza o bebé edipiano, e não refere o conflito retirando tudo o que poder trazer conflito.

No cartão seguinte (cartão 10), o sujeito apenas faz a descrição do que vê. Refere outra geração face à figura masculina e feminina, mas não identifica nenhuma relação. Dessexualiza-os.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito não explica nada, pois não há nada entre eles. Mantém assim a inocência para não falar da relação libidinal ou agressiva.

Para o décimo sujeito:

No primeiro cartão (cartão 4), o sujeito esclarece o conflito. A figura feminina tenta reparar mas ele rejeita-a. Valoriza o facto de ele ser agressivo (valorização do agressor).

No segundo cartão (cartão 7 GF), o sujeito identifica o bebé edipiano. A filha não está a ligar à figura materna, rejeita-a e estão em conflito. Evita a rivalidade edipiana.

No terceiro cartão (cartão 10), o sujeito aborda o conflito, mas evita ver um casal, vê dois homens (homossexuais). Não respeita as gerações. Quando refere a possibilidade de ser homem e mulher existe um problema em estar na relação libidinal porque fica perante a cena primária, assim prefere ver homossexuais. Defesa esta que não se mantém quando fala da

figura feminina. Está a colocar-se entre o homem e a mulher. Por último diz que tanto faz ser homossexuais como um casal heterossexual, mas que se verifica que é mentira uma vez que anteriormente revelou dificuldade em ver um casal heterossexual. Demonstra um problema incestuoso entre a figura paterna e a filha.

No último cartão (cartão 13 MF), o sujeito entra directamente na culpabilidade. Refere uma relação sexual extra-conjugal. Desvaloriza a mulher ao torná-la prostituta. Desculpabiliza a posição masculina quando menciona os copos que bebeu, que foi sem querer. Assim desvaloriza a figura feminina para desculpabilizar a figura masculina. Para dar o sexo tira a relação, que é uma componente homossexual. Começa a ver outros pormenores, como por exemplo, livros, passando a ver uma casa. Não existe afectos entre o casal apesar de os juntar.

5. Discussão

Após o tratamento dos resultados, seguiu-se a reflexão sobre os mesmos. Numa fase tão importante das suas vidas, estes sujeitos abraçam a puberdade de forma específica e única conforme a sua construção de identidade bem como o seu modelo das relações objectais. Como foi a sua reacção à agressividade e sexualidade perante a relação heterossexual apresentada nas imagens destes cartões? Representa eventualmente o modelo parental com o qual vivenciaram e experienciaram determinados sentimentos e desejos?

A identidade e as identificações resultam de uma imagem do corpo que pode ser relativamente sólida ou não como resultado da eficiência dos processos de individuação em relação ao outro e ao meio, e de um processo psicológico pelo qual o sujeito assimila partes do outro. A personalidade do sujeito resultará então de uma série de identificações, neste caso específico com a figura materna e a paterna.

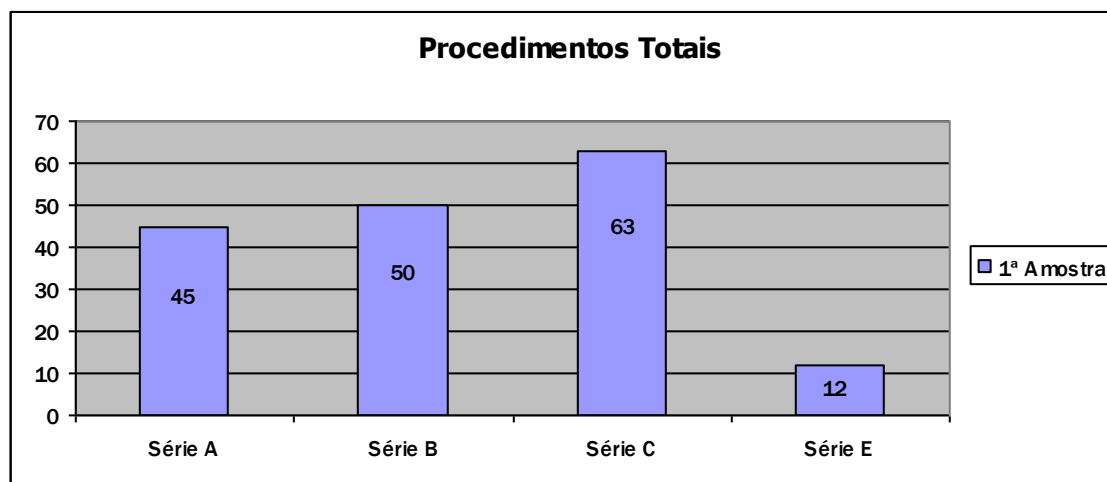
Resumidamente os primeiros pontos a serem referidos face à primeira amostra, são efectivamente a ansiedade face à figura materna que é evidente bem como o evitamento do conflito. Observou-se também alguma instabilidade nas identificações. No caso de se identificarem à figura materna ou à paterna, os sujeitos não conseguem estabelecer relações. A figura masculina é facilmente visível como figura dominante, independente e a figura feminina como frágil e dependente. Observa-se alguns fantasmas de morte – matricídio e parricídio – mostrando o cuidado e o receio dentro do seio familiar (medo de perda). Por último surge a rivalidade, sendo que na maioria dos sujeitos o complexo de Édipo ainda se encontra marcado e presente.

Para a análise da primeira amostra, os sujeitos de uma forma geral parecem ter a construído uma imago materna e paterna positiva. Alguns reconhecem relações de afecto com a figura materna e identificam-se com esta sendo que outros se apoiam na figura paterna. Portanto são capazes de identificar e projectarem-se nas figuras materna e paterna. De qualquer forma estes demonstram conseguir definir uma relação, utilizando bastante os procedimentos de precauções verbais, para evidenciar supostas relações heterossexuais.

Debruçando-se numa análise aprofundada acerca dos procedimentos utilizados pelos indivíduos não expostos a violência doméstica (1ª amostra), retirou-se as seguintes conclusões: na globalidade, as séries que mais frequentemente aparecem nas suas respostas aos cartões 4, 7GF, 10 e cartão 13 MF, são respectivamente a série B e série C, sendo que esta última apresenta valores superiores como está evidente no gráfico 2.

Assim as séries que representam a labilidade e o evitamento do conflito, série B e série C respectivamente, estão bem presentes nos cartões apresentados às raparigas pré-adolescentes não expostas a violência doméstica.

Gráfico 2



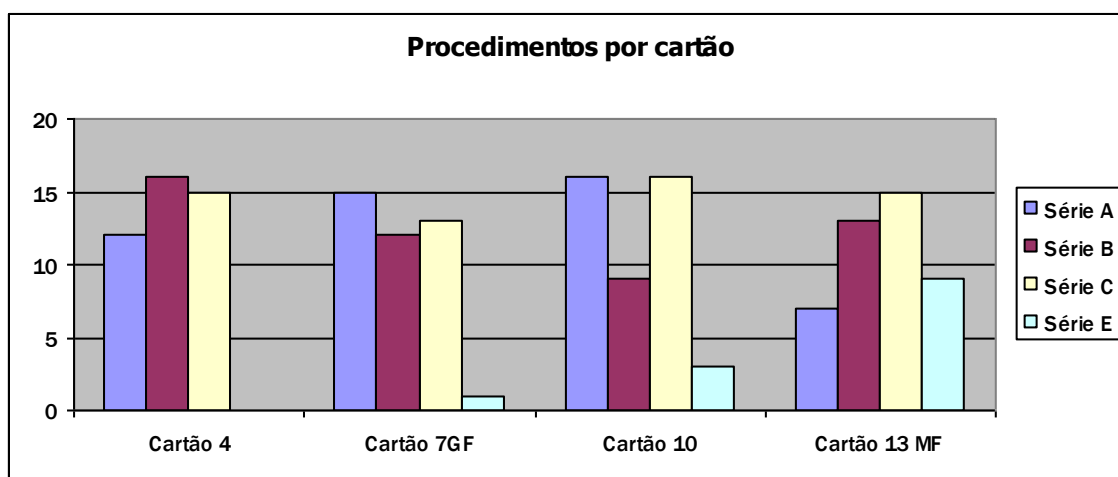
Legenda: Gráfico referente aos procedimentos totais dos sujeitos não expostos a violência doméstica.

Numa análise cartão a cartão (gráfico 3), verifica-se para a 1ª amostra, que os sujeitos utilizam com maior frequência a série B no cartão 4, a série A para o cartão 7 GF, a série A e C com a mesma frequência no cartão 10 e por último a série C no cartão 13 MF. Assim no cartão 4, que remete para o conflito pulsional no seio de uma relação heterossexual, em que um dos portagonistas pode ser portador de movimentos pulsionais de agressividade e ou libido, os sujeitos respondem face a este estímulo com alguma labilidade que passa pela encenação das relações interpessoais que vêm figurar o confronto entre as instâncias. No

cartão 7GF, que reactiva a problemática das relações mãe-filho entre a rivalidade e identificação e as interações precoces mãe-criança, a série A está sustentada por mecanismos de defesa neuróticos (recalcamento), que está intimamente influenciado pelo pensamento portador de desejo e defesa.

Relativamente ao cartão 10, que reenvia à expressão libidinal num casal, que evoca claramente uma proximidade, a série A e C. A série C por sua vez remete para o evitamento dos conflitos. No cartão 13 MF, a série C verifica-se mais frequente. Com um carácter crú do material manifesto, este cartão remete para a expressão da sexualidade e agressividade no casal, que faz com que o sujeito tenha tendência a evitá-lo.

Gráfico 3



Legenda: Gráfico referente aos procedimentos por cartão dos sujeitos não expostos a violência doméstica.

Relativamente à segunda amostra recolhida, expostos à violência doméstica, as questões foram outras.

Surgiram questões em torno da hipótese colocada neste estudo que lhe conferiu o seu interesse e pertinência: a importância de uma figura de referência na criança que tivesse sido representada como “mau”, “violador” e “castrador”. Que papel teve nas identificações destes pré-adolescentes? Como será então verificada, percebida interiormente a imago materna e paterna destes indivíduos? Será que estes sujeitos são capazes de estabelecer relações e de as saber mencionar, bem como estabelecer identificações com a figura materna e paterna?

Nesta segunda amostra, alguns dos sujeitos conseguem identificar as figuras masculina e feminina, com alguma confusão de identidades e identificações, sendo que por vezes surgem algumas falhas, nomeadamente na identificação das gerações. Mas de forma geral, dificilmente evocam as relações, evitando o confronto com a relação libidinal, surgindo um afastamento e uma dessexualização. Noutros casos podem unificar as figuras materna e paterna, fazendo-os desaparecer, ou isolá-las e substituí-las por outras figuras de referência. Por vezes estes sujeitos rejeitam a imago paterna ou a imago materna mas procuram muitas vezes mostrar o conflito edipiano, bem como a sua culpabilidade edipiana. Pode acontecer uma disputa da atenção da figura paterna, entre o sujeito e a figura materna.

Importante será focar que a imago paterna é muitas vezes identificada como agressor ou violador (“mau” objecto), figura essa dominante, mas na generalidade é desculpabilizada. A imago materna pode aparecer como inadequada, insuficiente e rival, ou então culpada pela agressividade/violência da figura paterna. Assim, face ao “mau” objecto surge uma rejeição da agressividade da violência face à postura da imago materna e paterna. Apesar disso a rejeição desse “mau” objecto não é completa, porque como figura desculpabilizada, a imago paterna é vista como fundamental, necessária.

Evitam excessivamente o conflito, com o intuito de não abordar nem realizar a relação, bem como a sexualidade e a agressividade do casal, uma recusa em ver a relação libidinal.

Estes sujeitos demonstram alguma angústia depressiva e fóbica perante a relação entre as figuras materna e paterna.

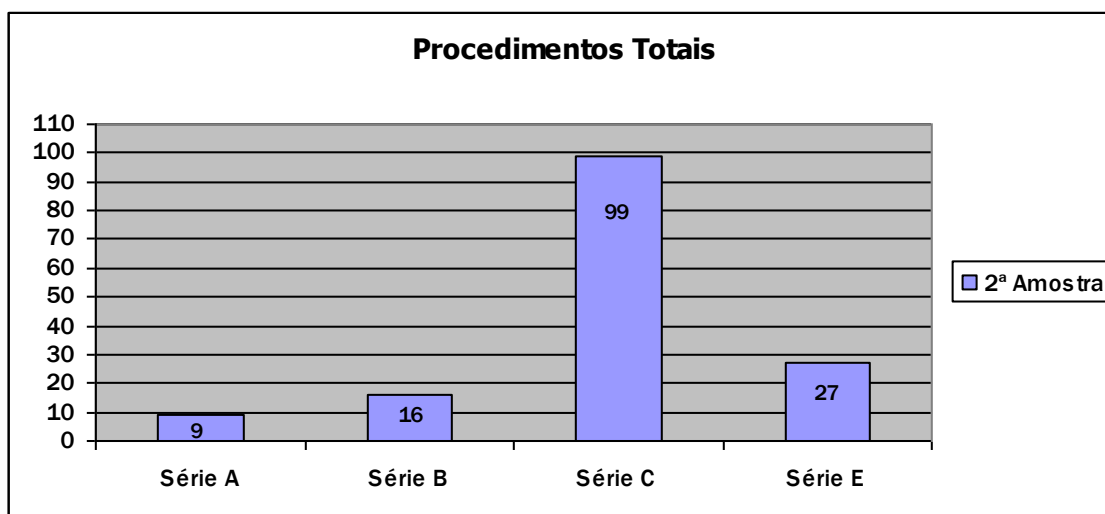
Com esta amostra, tendo em conta os resultados obtidos, surge aqui uma problemática e conseqüente reflexão sobre o facto das pré-adolescentes optarem por valorizar a figura paterna e desvalorizar a figura materna, sendo que não se identificam à última. O facto das raparigas expostas a violência doméstica, não se identificarem com a mãe pode ter a ver com a situação à qual não querem ser iguais, a uma mulher desvalorizada e maltratada.

Possivelmente têm algum receio de ter o mesmo fim, de se apresentarem futuramente numa situação de violência doméstica. Fantasiam assim uma revivência diferente com o pai.

Acerca dos procedimentos totais utilizados pelos indivíduos expostos a violência doméstica (2ª amostra), as séries que mais frequentemente aparecem nas suas respostas aos cartões 4, 7GF, 10 e cartão 13 MF, são respectivamente a série C e série E, sendo que a primeira apresenta valores superiores como está evidente no gráfico 2.

Assim as séries que representam o evitamento do conflito e pensamentos saturados em processo primário, série C e série E respectivamente, estão bem presentes nos cartões apresentados às raparigas pré-adolescentes expostas a violência doméstica.

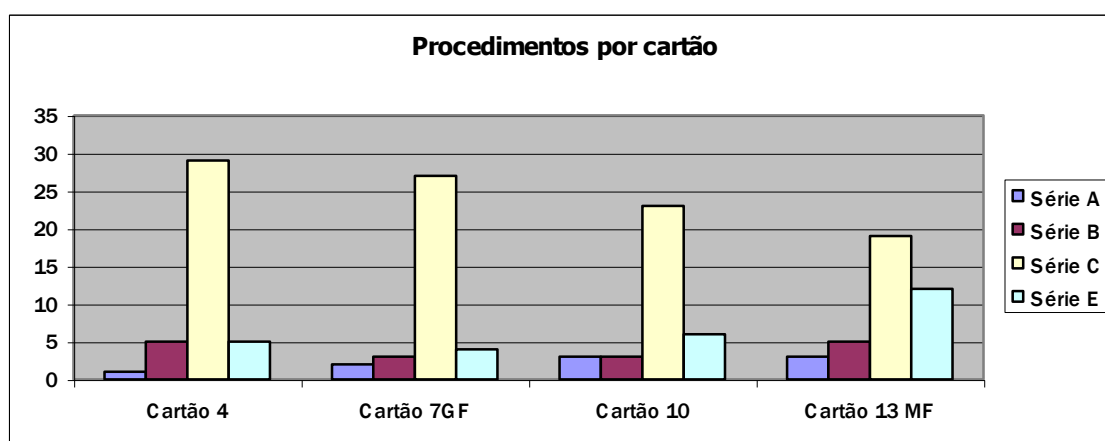
Gráfico 5



Legenda: Gráfico referente aos procedimentos dos sujeitos expostos a violência doméstica.

Numa análise cartão a cartão da 2ª amostra (gráfico 6), os sujeitos utilizam com maior frequência a série C em todos os cartões excepto no cartão 13 MF, em que a série E também aparece com alguma frequência. Estas duas séries remetem para o evitamento do conflito (série C) e para a emergência em processos primários (série E). As narrativas elaboradas pelo sujeito mantêm uma certa espessura simbólica, uma certa ressonância fantasmática em relação com as solicitações latentes do cartão, no caso dos procedimentos da série C e o aparecimento da série E, revela uma certa permeabilidade das instâncias e uma flexibilidade que autorizam a circulação de fantasmas e/ou afectos maciços.

Gráfico 6



Legenda: Gráfico referente aos procedimentos dos sujeitos expostos a violência doméstica.

6. Conclusão

O presente trabalho tinha como objectivo tentar compreender como se organizam as imagos parentais em pré-adolescentes expostas a violência doméstica. Assim comparou-se esta situação com pré-adolescentes não expostas a violência doméstica, procurando verificar diferenças nas representações das imagos parentais.

Após um longo percurso de investigação e depois de uma recolha dos dados necessária para as interpretações e discussão dos resultados, conclui-se que os sujeitos não exposto à violência doméstica de uma forma geral parecem ter organizado positivamente a imago materna e paterna. Alguns reconhecem relações de afecto com a figura materna e identificam-se a esta, outros apoiam-se na figura paterna. Mas o importante é que são capazes de identificar e projectarem-se nas figuras materna e paterna. Podem apresentar elementos de predominio da competição com a figura materna, ou apresentar relações sociais estáveis, maduras e adaptadas, sendo que demonstram estabilidade do eu, afectos e emoções moderados.

Para a maior parte dos sujeitos expostos a violência doméstica, as identificações são um pouco distorcidas, no sentido em que revelam por exemplo, figuras maternas rivais, culpadas pela agressividade da figura paterna que é naturalmente vista como agressora desculpabilizado. Por outro lado alguns demonstram dificuldade em evocar relações e identificar as figuras materna e paterna. Noutros casos acontece substituírem essas figuras, por outras aparentemente presentes nas suas vidas, ocupando essa identificação.

Comparando as duas amostras, em ambas verifica-se que estão presentes nas narrativas dos sujeitos, o evitamento do conflito. Em específico na amostra dos sujeitos expostos a violência doméstica, o evitamento do conflito é maior sendo que também se posicionam em modalidades de pensamento saturadas em processo primário, com a utilização dos procedimentos da série E.

Especialmente para as pré-adolescentes expostas a violência doméstica, é evidente a importância de não perder um “mau” objecto, ou seja, mais vale um pai agressor do que não ter nenhum, sendo que por vezes aparece uma autoculpabilização por tais circunstâncias.

Em termos conclusivos e seguindo os críticos de um estudo qualitativo, é importante focar os seus limites. De acordo com os resultados obtidos a primeira questão levantada está relacionada com a amostra retirada na Escola Secundária de D.Dinis. Seriam os pré-adolescentes correctamente caracterizados como sujeitos não expostos a violência doméstica?

Informação essa dada pela professora responsável de turma dos sujeitos em questão. Mas seria esta informação imparcial, uma vez que este assunto tão delicado poderia ou não ser abordados neste contexto? Esta questão surgiu, uma vez que alguns dos sujeitos referiram situações de agressividade que poderiam estar associados a possíveis ocorrências de violência em contexto familiar.

É também importante pensar sobre o facto de as amostras utilizadas apresentarem-se em contextos ambientais diferentes, as pré-adolescentes expostas a violência não se encontram num ambiente familiar, em casa, contrariamente às pré-adolescentes não expostas a tal situação.

Finalizando, surge o interesse de realizar um estudo longitudinal com sujeitos com 12, 13 e 14 anos de idade, com o intuito de investigar o porquê das raparigas em contexto de violência doméstica optarem por valorizar a figura paterna (agressora), e desvalorizarem a figura materna, sujeita à agressão. Fica aqui um ponto de partida.

7. Referências bibliográficas

- Azevedo, M. do C. & Maia, A. da C. (2006). Maus-tratos à criança. Lisboa: Climepsi Editores;
- Baptista, V. (2002). Espelho, espelho meu... a imagem corporal em pré-adolescentes. In *Congresso 4, nacional de Psicologia da Saúde: a saúde numa perspectiva de ciclo de vida* (pp. 71-80). Lisboa: ISPA;
- Bayle, F. (2000). *Violência – forma última de ligação*. In Comissão organizadora A. Morgado & F. Bayle & H. Duarte & N. Cortes & A. Gama & L. Lopes & V. de Sá, *Inuaf Studia*, vol.1 Supl 1 (pp. 127-136). Loulé;
- Bayle, F. (2000). *Violência familiar: herança e repetição*. In Comissão organizadora A. Morgado & F. Bayle & H. Duarte & N. Cortes & A. Gama & L. Lopes & V. de Sá, *Inuaf Studia*, vol.1 Supl 1 (pp. 79-89). Loulé;
- Bergeret, J. (1998). Violência e evolução afectiva humana. Climepsi, In *Psicologia patológica: teórica e clínica* (pp. 97-101). Lisboa;
- Bion, W. (1991). Ataques ao elo de ligação. *Melanie Klein hoje – desenvolvimento da teoria* vol. 1: artigos predominantemente teóricos (pp. 110-124). Rio de Janeiro: Imago;
- Birman, J. (2001). Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. In *Psychê*. Retrieved Dezembro 5, 2007, from <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/307/30701116.pdf>;
- Bodstein, K. & Arruda, S. L. S. (2006). Fantasias sexuais e edípicas em pré-adolescentes atendidos em grupo de psicoterapia lúdica. In *Arquivos brasileiros de psicologia*, vol.58, nº1. Retrieved Maio 29, 2008, from <http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/view/28/43>;
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas sobre a teoria da acção*. Campinas: Papirus;

- Braconnier A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa. Climepsi, 1ª edição.
- Caplansky, M. U. de. (2002). O imaginário social e a imago da mãe. In E. Barros (Ed.), *Cenários femininos: diálogos e controvérsias* (pp. 201-204). Rio de Janeiro: Imago;
- Coutinho, L. G. (1997, Junho). *Convergências e divergências nas teorias do narcisismo de Kohut e de Lacan*. Retrieved Julho 12, 2008, from <http://www.fundamentalpsychopathology/art/jun9/2.pdf>;
- Delaroche, P. (2005). *Adolescência – desafios clínicos e terapêuticos*. Lisboa: Climepsi;
- Ducret, A. (2005). Imago. In *Psychoanalysis. International Dictionary of Psychoanalysis*. Retrieved Novembro 3, 2007, from <http://www.answers.com/topic/imago>;
- Fairbairn (2005). *Object Relations Theory*. Retrieved Março 22, 2008, from http://www.lww.com/static/does/product/samplechapters/978-0-7817-9949-2_chapter%205.pdf;
- Freud, S. A teoria da sexualidade – *Textos essenciais da Psicanálise* Vol. II. Publicações Europa – América;
- Guitar, J. B. (2002). Violência contra a mulher: um olhar psicanalítico. In E. Barros (Ed.), *Cenários femininos: diálogos e controvérsias* (pp. 263-266). Rio de Janeiro: Imago;
- Hurstel, F. (1999). Mater certa, pater incertus: sobre a possibilidade de exercer a função paterna. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo. Vol. 35, 317-333;
- Levisky, D. L. (1997). *Adolescência e violência – consequências da realidade brasileira*. Porto alegre: Artes Médicas;

- Lopes, S. C. M. (1981). *Delinquência: privações psicossociais na primeira e segunda infância*. Retrieved Abril 3, 2008, from <http://www.psicologia.org.br/internacional/psclg.htm>;
- Magalhães, T. (2005). *Maus tratos em crianças e jovens – Guia prático para profissionais*. Coimbra: Editora Quarteto;
- Marques, M. E. (1994). *A metodologia projectiva e a avaliação psicológica na adolescência – Análise Psicológica*.
- Martins, M. J. (1996). Aspectos sobre o desenvolvimento psicológico na pré-adolescência e adolescência. In *Aprender*, vol. 20 (pp. 5-12);
- Martinet, S. (2000). *Violência institucional*. In Comissão organizadora A. Morgado & F. Bayle & H. Duarte & N. Cortes & A. Gama & L. Lopes & V. de Sá, *Inuaf Studia*, vol.1 Supl 1 (pp. 113-125). Loulé;
- Melanie, K. (1997). *A psicanálise das crianças*. Rio de Janeiro: Imago Ed. (obra original publicada em 1975);
- Morgado (2000). *Mito do abandono e do castigo*. In Comissão organizadora A. Morgado & F. Bayle & H. Duarte & N. Cortes & A. Gama & L. Lopes & V. de Sá, *Inuaf Studia*, vol.1 Supl 1 (pp. 13-35). Loulé;
- Nicolau, A.B. (2008, Julho). *Abuso sexual na adolescência – discussões teóricas e possibilidades terapêuticas*. Retrieved Agosto 31, 2008, from <http://www.rubedo.psc.br/artigosto/abusosex.htm>;
- Oliveira, A. C. (1991). Da pré-adolescência à adolescência, processo de identificação através de actividades lúdicas. In Soc. Port. Psicologia Clínica, *Actas de Psicologia Clínica* (pp. 209-211). Lisboa;
- Outeiral, J. O. (2003). *Adolescer – estudos sobre a adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter;

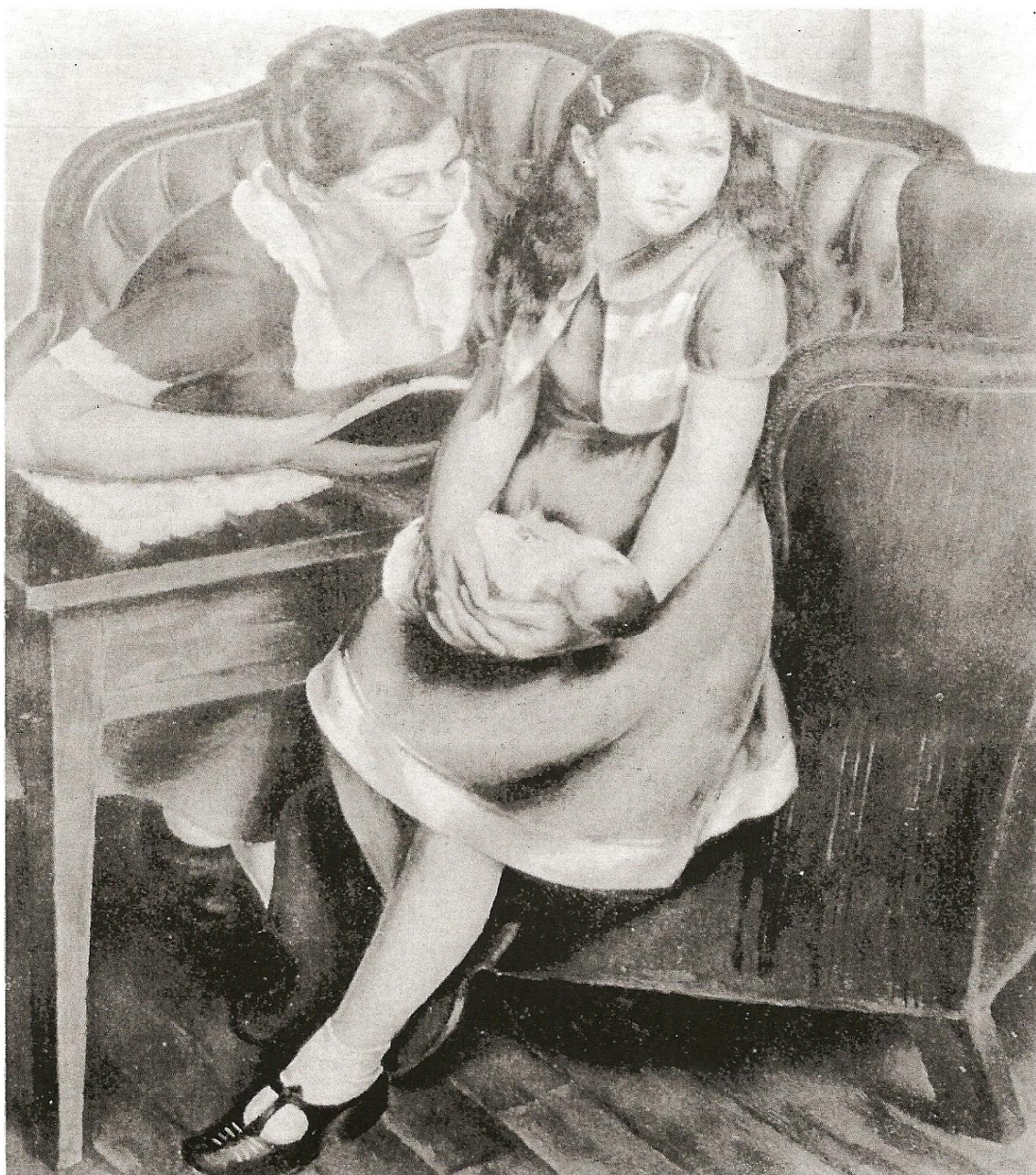
- Osório, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto alegre: Artes Médicas;
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1979). *A psicologia da criança – do nascimento à adolescência*. Póvo de Varzim: Moraes Editores (obra original publicada em 1966);
- Pontalis, J. & Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa, Martins Fontes;
- Rascovsky, A. (2002). A função do pai na estruturação da sexualidade feminina. In E. Barros (Ed.), *Cenários femininos: diálogos e controvérsias* (pp. 113-120). Rio de Janeiro: Imago;
- Rodrigues, A. R. D. D. (2002). *Violação: um flagelo da humanidade uma abordagem fenomenológica existencial* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: ISPA;
- Salgueiro, E. (1999). A criança e o seu Futuro. In J. Pedro (Ed.), *Stress e violência na criança e no jovem* (pp. 249-264). Unidersidade de Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria Departamento de Educação Médica;
- Sauberman, C. & Barauna, L. M. de (2006, Setembro). *Narcisismo*. Retrieved Junho 16, 2008, from <http://www.abepps.org.br/downloads/psicologiadoself/1.4-Narcisismo-Lucia-e-Clara.polf>;
- Shentoub, V. & colaboradores (1999). *Manual de utilização do T. A. T*. Lisboa: Climepsi;
- Vasconcelos, A. T de M. (1999). Stress da vida e Destino da Mente. In J. Pedro (Ed.), *Stress e violência na criança e no jovem* (pp. 97-122). Unidersidade de Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria Departamento de Educação Médica;
- Zuckerman, B. S. (1999). Silent victims: children who witness violence, *Stress e violência na criança e no jovem* (pp. 249-264). Unidersidade de Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria Departamento de Educação Médica;

Anexos

Anexo 1
Cartões T. A. T.



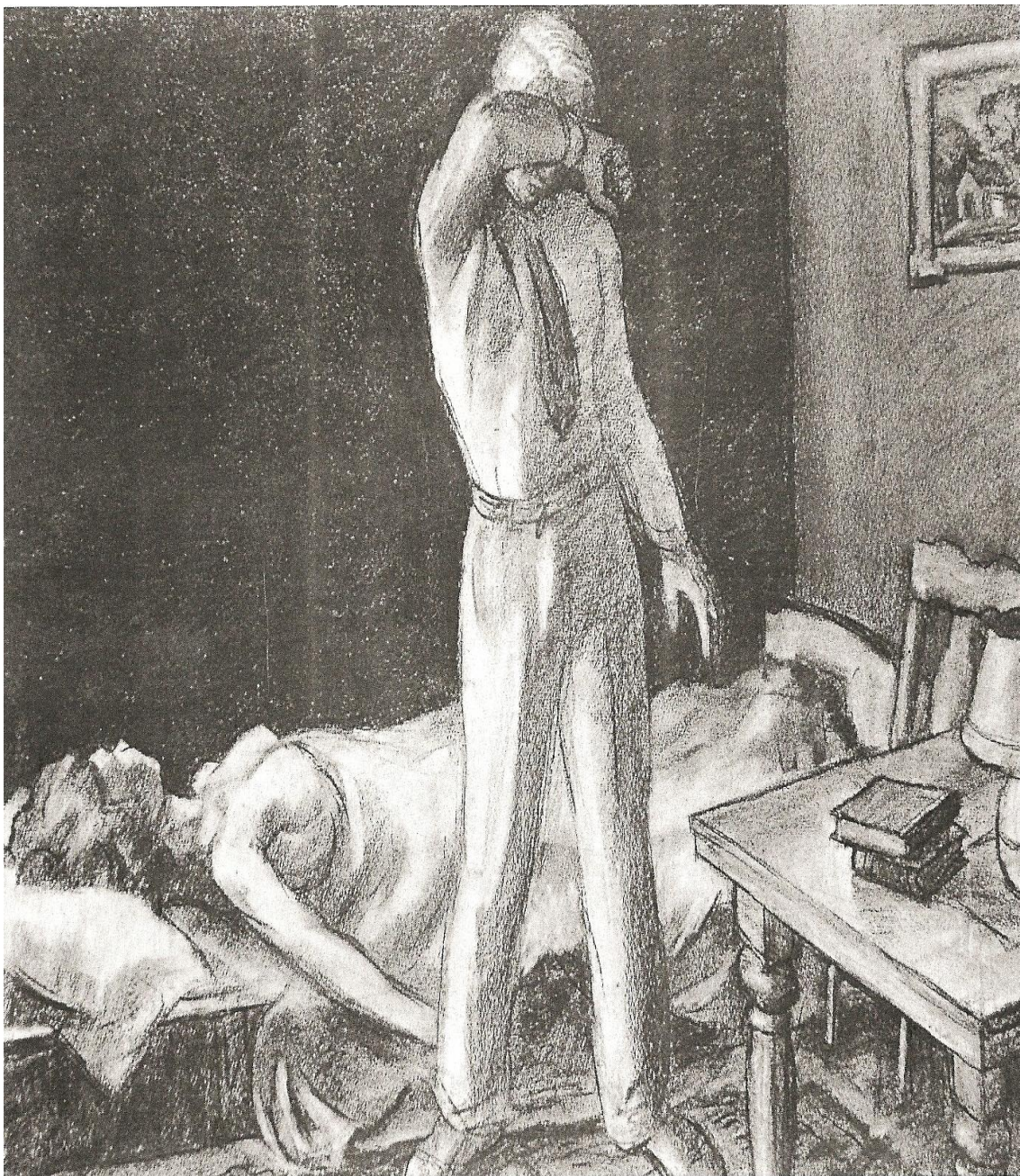
Cartão 4



Cartão 7 GF



Cartão 10



Cartão 13 MF

**Anexo 2 - Respostas dos sujeitos não exposto a violência doméstica e
análise de cada cartão**

Amostra recolhida na Escola Secundária de D.Dinis

1º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(3') Estão apaixonados, pelo menos ela está apaixonada. Ele está a contar qualquer coisa que a ela não lhe interessa...A expressão dele indica isso, que não lhe interessa o que esta tem para dizer.

Procedimentos: (B21) - “Estão apaixonados”; (B28) - “...pelo menos ela está apaixonada”; (B26) - “Ele está a contar qualquer coisa que a ela não lhe interessa”; (A22) “A expressão dele indica isso, que não lhe interessa o que esta tem para dizer.”

Cartão 7GF

(4') A mulher está a segurar o boneco, a pensar brincar com ela...Algo que estime. A empregada aconselha-a a fazer qualquer coisa que a rapariga não acha bem, qualquer coisa que ela acha que não deve fazer e ficou triste, com aquela cara.

Procedimentos: (A21) - “A mulher está a segurar o boneco, a pensar brincar com ela...”; (B14) – “Algo que estime”; (A214) - “A empregada aconselha-a a fazer qualquer coisa que a rapariga não acha bem...”; (A22) - “ela acha que não deve fazer e ficou triste, com aquela cara”;

Cartão 10

(1') É complicada!...Estão a abraçar-se, estão...parecem bem, apaixonados...Não sei o que diga mais.

Procedimentos: (B28) - “É complicada!”; (C/FO2) - “Estão a abraçar-se, estão...parecem bem, apaixonados”; (C/FO5) – “Não sei o que diga mais”.

Cartão 13 MF

(2') Mulher deitada.O homem está arrependido, está a chorar por algo que fez de errado...Quem? Não sei...Talvez à rapariga...De resto não sei mais nada.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Mulher deitada.”; (B14) - “O homem está arrependido. Está a chorar por algo que fez de errado”; (C/FO5) – “Quem? Não sei”; (A23) - “Talvez”; (C/FO5) – “De resto não sei mais nada”

2º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(7') Ela está arrependida de qualquer coisa e ela não a quer perdoar.

Procedimentos: (B21) – “Ela está arrependida”; (B14) “...e ela não a quer perdoar.”

Cartão 7GF

(5') A menina está triste. Se calhar está a cuidar do irmão. A senhora é a ama e está a ver o bebé. Não está feliz talvez não goste de cuidar do bebé.

Procedimentos: (B14) - “A menina está triste.”; (A23) – “Se calhar”; (A23) – “talvez”; (B28) - “...talvez não goste de cuidar do bebé”.

Cartão 10

(7') Se calhar zangaram-se e fizeram as pazes. Estão felizes, mas nada mais.

Procedimentos: (A23) - “Se calhar”; (B26) - “zangaram-se e fizeram as pazes.”; (B14) - “Estão felizes”; (C/FO5) - “Mas nada mais”.

Cartão 13 MF

(3') Ela deve ter morrido...E ele está a chorar a morte dela. Se calhar gostava dela...Não sei.

Procedimentos: (E9) “Ela deve ter morrido”; (B14) “E ele está a chorar a morte dela”; (A23) – “Se calhar”; (C/FO5) “Não sei”;

3º sujeito

idade: 13

Cartão 4

(2') Uma senhora e um senhor. Parecem estar a namorar...Estão a olhar para qualquer coisa.

Procedimentos: (C/Fa1) - “Uma senhora e um senhor”; (A23) – “Parecem”; (B14) “...estar a namorar”; (A214) “Estão a olhar para qualquer coisa”.

Cartão 7GF

(2') Uma babysitter a cuidar de uma menina, a contar-lhe uma história. Parecem de outra altura, no tempo. Parece que a menina está com o bebé ao colo, possivelmente um nenuco com que estava a brincar.

Procedimentos: (C/Fa1) - “Uma babysitter a cuidar de uma menina, a contar-lhe uma história”; (A24) “Parecem de outra altura, no tempo”; (A23) – “Parece”; (B211) - “a menina está com o bebé ao colo, possivelmente um nenuco com que estava a brincar”.

Cartão 10

(2') Um homem e uma mulher. Parecem estar os dois tristes. Parece que perderam algo. Parecem marido e mulher ou familiar.

Procedimentos: (C/Fa1) - “Um homem e uma mulher”; (A23) - “Parecem”; (B213) - “Parece estar os dois tristes. Parece que perderam algo”; (A26) “marido e mulher ou familiar”.

Cartão 13 MF

(2') Um homem. Parece aborrecido ou cansado. Um mulher a dormir. Parecem ser marido e mulher. Parece um casal, ele parece que está zangado, não parecem ter uma boa relação.

Procedimentos: (C/Fa1) “Um homem. Uma mulher a dormir”; (A23) – “Parecem”; (B14) – “Parece aborrecido ou cansado”; (B28) “...ele parece que está zangado, não parecem ter uma boa relação”.

4º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(4') Não sei...Estão...(10') Ele está a prestar atenção a outra coisa e ela quer atenção. Ele parece que a está a ignorar.

Procedimentos: (C/FO5) - “Não sei”; (C/FO1) – “Estão...(10')”; (B14) - “Está a prestar atenção a outra coisa e ela quer atenção”; (A23) - “...parece”; (B28) - “Ele parece que a está a ignorar.”

Cartão 7GF

(5') Rapariga com um bebé. Parece sei lá. A empregada que está a olhar para o bebé. A rapariga parece ser muito novinha, está a olhar para qualquer coisa. A senhora está a olhar para o bebé. A rapariga não quer saber. Pode não ser um bebé. Pode ser um boneco.

Procedimentos: (A21) - “Rapariga com um bebé”; (A23) - “Parece...”; (E12) – “A empregada que está a olhar para o bebé. A rapariga parece ser muito novinha, está a olhar para qualquer coisa. A senhora está a olhar para o bebé. A rapariga não quer saber. Pode não ser um bebé. Pode ser um boneco”.

Cartão 10

(1') Uma senhora e um senhor. Parece que estão abraçados...Que dão a entender que não se vêem há muito tempo...Parece que têm saudades um do outro. Estão a matar saudades.

Procedimentos: (A21) - “Uma senhora e um senhor”; (A23) – “Parece”; (B14) - “Estão abraçados”; (A24) - “Que não se vêem há muito tempo”; (A23) – “Parece”; (C/FO4) - “Estão a matar saudades”.

Cartão 13 MF

(1') Uma mulher deitada numa cama. Parece estar despida. Um homem de fato, parece que vai para o emprego...Vai trabalhar. Parece arrependido, a chorar por ter feito qualquer coisa. Ele pode ter batido nela...E ele está arrependido do que fez.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Uma mulher deitada numa cama; um homem de fato”; (E8) “Parece estar despida”; (E4) “Vai para o emprego, vai trabalhar”; (B29) “Ele pode ter batido nela”; (B22) “Está arrependido do que fez, a chorar por ter feito qualquer coisa”.

5º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(5') Não tenho imaginação nenhuma. Marido e mulher. Não vejo mais nada. Estão a discutir...(10') Não consigo ver mais nada

Procedimentos: (C/FO5) - “Não tenho imaginação nenhuma”; (B23) - “Estão a discutir”; (C/FO5) - “Não vejo mais nada”; (C/FO2) tendência à restrição; (C/FO1) – (10'); (C/FO5) - “Não consigo ver mais nada”

Cartão 7 GF

(2') Filha deles e a empregada. Isto é um bebé?...Um bebé...Empregada que toma conta deles. A miúda está a assistir à discussão dos pais. Não vejo mais nada.

Procedimentos: (B23) - “Filha deles e a empregada. Isto é um bebé?...Um bebé”; (B22) - “Um bebé... Empregada que toma conta deles. A miúda está a assistir à discussão dos pais.”; (C/FO5) - “Não vejo mais nada”.

Cartão 10

(11') Não é a empregada? Se não é parece. Relação de amor...Uma coisa assim parecida...Não vejo mais nada.

Procedimentos: (C/FO1) - (11'); (E4) - “Não é a empregada?”; (B22) - “Se não é, parece. Relação de amor...Uma coisa assim parecida”; (C/FO5) - “Não vejo nada”.

Cartão 13 MF

(10') Cá para mim matou-a, e vai-se embora. Não vejo mais nada.

Procedimentos: (C/FO1) - (10'); (E9) - “Cá para mim matou-a, e vai-se embora”; (C/FO5) “Não vejo mais nada”

6º sujeito

idade: 13

Cartão 4

(1') Um casal de namorados...Talvez...O namorado parece estar zangado com ela. Ela está a tentar fazer as pazes, como se fosse uma discussão amorosa. É o que se passa, mais nada.

Procedimentos: (A23) – “Talvez”; (B14) - “O namorado parece estar zangado com ela”; (B21) “Está a tentar fazer as pazes, como se fosse uma discussão amorosa”; (C/FO5) – “É o que se passa, mais nada”.

Cartão 7 GF

(3') A miúda parece estar triste...Isto é um bebé? Parece um bebé, que ela tem na mão. A mulher disse-lhe que tem de ir viver com o pai. Mas vivia com a mãe...Mas ela não quer ir. Tem de deixar o irmão para trás...É só.

Procedimentos: (A23) – “Parece”; (B14) - “A miúda parece estar triste”; (C/FO5) – “Isto é um bebé?”; (A23) – “Parece”; (B22) - “...um bebé, que ela tem na mão. A mulher disse-lhe que tem de ir viver com o pai...Ela não quer ir. Tem de deixar o irmão para trás”.

Cartão 10

(5') Bem!!! Esta é um bocado difícil. Não se vê muita coisa. Um casal de idoso, e o senhor está a despedir-se da senhora porque terá de viajar. A mulher está triste porque vai ficar sozinha em casa. Ele promete que em breve voltará. Eles despedem-se um do outro...Acaba aqui a história.

Procedimentos: (B28) - “Bem!!!”; (C/FO5) “Esta é difícil, não se vê muita coisa”; (A21) - “Um casal de idosos (...) sozinha em casa”; (B22) - “Ele promete (...) acaba aqui a história”; (C/FO5) - “Acaba aqui”.

Cartão 13 MF

(1') Ahhhh!!! Este é mais fácil. É porque a mulher morreu!! E o marido tentou socorrê-la só que não conseguiu. Agora ele tapou a mulher e quer-se desfazer do corpo, mas não sabe como...E finge ter sido um acidente doméstico. Chama a polícia e diz que a sua mulher caiu das escadas...Tentou socorrer mas ela morreu. Ao longo de uma semana descobrem que ele matou a mulher, só que tarde demais pois este já estava fora do país. Um ano depois ele é apanhado e cumpre uma pena de 50 anos. Morre na cadeia...É só.

Procedimentos: (B28) - “Ahhh!!! Este é fácil” ; (E9) “Porque a mulher morreu. O marido tentou socorrê-la só que não conseguiu”; (E14) “ Agora ele tapou a mulher (...) morre na cadeia”; (C/Fa4) “Cumpre uma pena de 50 anos”.

7º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(1') Duas pessoas que gostam uma da outra. Porque está a abraçar o homem... talvez uma relação de amor. A senhora está a olhar para ele. Ela nota-se ter um carinho por ele, pela forma como o agarra.

Procedimentos: (B23) - “Duas pessoas que gostam uma da outra”; (A22) - “Porque está a abraçar o homem”; (A23) - “talvez”; (C/N7) “Relação de amor”; (B14) - ”Senhor a olhar para ele.” (A21) – “Pela forma como a agarra. Nota-se um carinho”.

Cartão 7 GF

(3') Uma senhora que está a contar uma história à menina...Está a ouvir a história com atenção...(10') É um boneco? Ou estará a tomar conta de um bebé enquanto a senhora lhe lê uma história? É só.

Procedimentos: (C/Fa1) - “Senhora a contar a história à menina. Está a ouvir a história com atenção”; (C/FO1) - (10'); (C/FO5) - “Um boneco? Ou estará a tomar conta de um bebé”; (A26) - “Enquanto a senhora lhe lê a história”.

Cartão 10

(8') Então...Vejo uma pessoa a dar um beijo na testa da outra...Penso que a outra pessoa tem a cabeça encostada à outra. Uma relação de amor...Com muito carinho um pelo o outro. Parece uma mãe e um filho...É só.

Procedimentos: (C/Fa1) “Vejo uma pessoa a dar um beijo na testa da outra”; (A28) - “Penso que a outra (...) à outra. Relação de amor. Com muito carinho um pelo o outro”; (A23) – “Parece”; (C/FO5) – “É só”.

Cartão 13 MF

(10') Penso que o senhor encontrou a senhora morta e está a tapar os olhos a querer refugiar-se do que tinha visto...Penso que sim...E é só isso.

Procedimentos: (C/FO1) – (10’); (E9) “Penso que o senhor encontrou a senhora morta e está a tapar os olhos a querer refugiar-se do que tinha visto”; (B28) “Penso que sim”; (C/FO5) – “E é só isso”; (C/FO3).

8º sujeito

idade: 13

Cartão 4

(5') Deve ser um homem...Casados. Ele está a olhar para algum lado...Ela está a olhar para ele...Dá a sensação que ele está a querer fazer alguma coisa e ela está a segurá-lo. É só.

Procedimentos: (A23) - “Deve”; (A26) - “Ser um homem...Casados”; (B26) - “Ela está a olhar para ele. Dá a sensação que ele está a querer fazer alguma coisa e ela está a segurá-lo”; (C/FO5) – “É só”.

Cartão 7 GF

(1') A senhora está a ler um livro. Ela está a olhar para algum lugar com olhar de pena. Isto é um bebé? Está com qualquer coisa na mão, mas não percebo o que é. Estão as duas atentas ao que estão a fazer.

Procedimentos: (C/Fa1) - “Senhora a ler um livro”; (B211) - “Ela está a olhar para algum lugar com olhar de pena.”; (C/C2) - “Isto é um bebé?”; (C/FO5) - “Está qualquer coisa na mão, mas não percebo”;

Cartão 10

(1') Não há nada para perceber. Por causa disto aqui...Escuro...Devem estar a fazer ambos a mesma coisa. Não dá para ver porque está tudo preto. Não vejo nenhuma relação.

Procedimentos: (C/FO5) - “Não há nada para perceber”; (A22) - “Por causa disto aqui...escuro”; (E5) - “Devem estar a fazer ambos a mesma coisa. Não dá para ver porque está tudo preto”; (C/FO5) - “Não vejo nenhuma relação”.

Cartão 13 MF

(5') Uma senhora deitada na cama. Tá um homem levantado. Dá a sensação que ele lhe tinha batido...E que agora está a ir embora. A casa tem um estilo antiquado, velho...É só.

Procedimentos: (A11) - “Uma senhora deitada na cama. Tá um homem levantado”; (E14) - “Dá a sensação que ele lhe tinha batido...E que agora está a ir embora”; (A24) - “A casa tem um estilo antiquado, velho”.

9º sujeito

idade: 13

Cartão 4

(3') A imagem mostra que eles se chatearam. Ele está a ir embora e ela está a tentar agarrá-lo para ela não ir embora...Mesmo assim ele não lhe liga. Estão no início de uma relação...(10') Ela magoou-o e ele quer acreditar mas não consegue. Não consigo ver mais nada.

Procedimentos: (C/Fa1) - “Imagem mostra que eles chatearam-se”; (C/N4) - “Ele está a ir embora e ela está a tentar agarrá-lo para ela não ir embora...Mesmo assim ele não lhe liga”; (C/FO1) - “(10)”; (B14) - “Ela magoou-o e ele quer acreditar mas não consegue”; (C/FO5) - “Não consigo ver mais nada”.

Cartão 7 GF

(5') Parece que é a sua mãe que está a falar com a menina. Algo que lhe disse e ela ficou triste. Ela está com o livro na mão, ela devia estar a contar uma história que lhe deixa estar a fazer pensar na vida...O livro deveria ser sobre alguma coisa que já lhe passou. Ela não está a tomar muita atenção...Não sei.

Procedimentos: (A23) - “Parece”; (C/Fa1) - “Mãe a falar com a menina”; (B14) - “Algo que disse e ficou triste”; (B22) - “Ela está com o livro (...) deve estar a fazer pensar na vida. O livro deveria ser sobre alguma coisa (...) ela não está a tomar muita atenção; (C/FO5) - “Não sei”.

Cartão 10

(3') A relação é só de amizade. Ela está com uma desilusão e ele está a dar-lhe apoio...(10') Ela parece que está a chorar e ele está a beijar-lhe a testa...Como se fosse um carinho, para ver se ultrapassa isso tudo com a ajuda dele.

Procedimentos: (B21) - “Ela parece que está a chorar e ele está a beijar-lhe a testa”; (C/FO1) – (10); (A21) - “Parece que está a chorar e ele está a beijar-lhe a testa.” (B26) – “Como se fosse um carinho, para ver se ultrapassa isso tudo com a ajuda dele”

Cartão 13 MF

(3') Parece que a senhora está morta...Que ele ficou triste com a sua morte... Acho que ele tentou salvá-la mas não chegou a tempo...Ele está revoltado...Porque a senhora não era só amiga...É capaz de ter sido familiar ou namorada...(10') Não sei mais.

Procedimentos: (E9) - “Parece que a senhora está morta”; (B14) - “Que ele ficou triste com a sua morte”; (A26) - “Porque a senhora não era só amiga...É capaz de ter sido familiar ou namorada”; (C/FO5) - “Não sei mais”.

10º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(2') Uma despedida...(20') Parecem marido e mulher talvez... (20') Não consigo ver mais nada.

Procedimentos: (B21) - “Uma despedida”; (C/FO1) - (20'); (A23) - “Parecem”; (C/FO5) - “Não consegue ver mais nada”.

Cartão 7 GF

(4') Ela parece que está a chorar...Talvez porque aquele senhor seja o pai dela e se tenha ido embora...E que uma possível ama a esteja a consolar... (10') Não vejo mais nada.

Procedimentos: (A23) - “Parece...Talvez”; (C/N1) - “...aquele senhor seja o pai dela e se tenha ido embora”; (B14) - “Uma possível ama que esteja a consolar”; (C/FO1) – (10'); (C/FO5) - “Não vejo mais nada”.

Cartão 10

(3') Parece um reencontro...Marido e mulher...(20') Não vai lá, não vejo mais nada.

Procedimentos: (A23) - “Parece”; (A26) - “...um reencontro...Marido e mulher”; (C/FO1) – (20'); (C/N9) - “Não vai lá”; (C/FO5) - “Não vejo mais nada”

Cartão 13 MF

(5') Uma pessoa a acordar. Parece que está a limpar as lágrimas...(apontando para o homem)...(10') Talvez tenha traído a mulher e esteja arrependido...É só.

Procedimentos: (C/Fa1) - “Uma pessoa a acordar”; (A23) - “Parece”; (B26) - “Limpar as lágrimas”; (C/FO1) - (10'); (B28) - “Talvez tenha traído a mulher e esteja arrependido”.

**Anexo 3 - Respostas dos sujeitos expostos a violência doméstica e análise de
cada cartão**

Amostra recolhida no Instituto da Sãozinha

1º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(20') (ri-se) Era uma vez uma senhora e um senhor que são maridos...(10') Ela quer dizer alguma coisa a ele, e ele não quer....(10') Mais nada.

Procedimentos: (C/FO1) – (20'); (C/C1) – (ri-se); (C/N7) - “Era uma vez uma senhora e um senhor que são maridos”; (B26) – “Ela quer dizer alguma coisa a ele, e ele não quer”; (C/FO1) – (10'); (C/FO2); (C/FO5) – “Mais nada”.

Cartão 7 GF

(2') Era uma vez...Uma menina. Chama-se Diana. Estava a falar com a mãe e a mãe estava a chorar porque a filha não quis falar com a mãe. A mãe não deixava ela ir ter com o pai, e a menina começou a chorar e foi para o quarto a chorar e deitou-se na cama e depois com o gatinho dela, foi pôr o gatinho em cima da cama e depois foi para a janela e ela foi ter com ele. Depois ela foi pedir desculpas à mãe e ela desculpou-a. Depois foi para o quarto brincar com ele. Mais nada.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Uma menina . Chama-se Diana. Estava a falar com a mãe”; (B23) – “Estava a falar com a mãe e a mãe estava a chorar porque a filha não quis falar com a mãe. A menina começou a chorar e foi para o quarto a chorar”; (C/M3) – “Estava a falar com a mãe e a mãe estava a chorar (...) janela e ela foi ter com ele. (C/FO5) – “Mais nada”.

Cartão 10

(2') Era uma vez um senhor e uma senhora que eram namorados e gostavam um do outro e depois a mulher e o homem andaram à luta porque ela tinha uma filha e ele não sabia. Estava em casa da mãe dela e depois o marido foi à casa da mãe e viu a menina dela, em casa também. Ele gostou de ver a filha e eles ficaram felizes os três, é só.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Um senhor e um a senhora”; (B26) – “que eram namorados e gostavam um do outro.”; (E7) – “andavam à luta porque ela tinha uma filha e ele

não sabia. Estava em casa da mãe (...) em casa também. Ele gostou de ver a filha e eles ficaram felizes os três”; (C/FO5) – “É só”.

Cartão 13 MF

(3’) Era uma vez um senhor e uma senhora. Um senhor a levantar-se da cama e a senhora a dormir. Depois o senhor foi trabalhar e ela foi dormir. Depois ela acordou e não viu o marido dela lá. Foi à casa de banho para ver se ele estava lá, mas ele não estava lá.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Um senhor e uma senhora. Um senhor a levantar-se da cama e a senhora a dormir.”; (E7) – “Depois o senhor foi trabalhar (...) não estava lá.”.

2º sujeito

idade: 13

Cartão 4

(2') Como é que vou começar? Era uma vez um menino chamado Mikailo e uma menina chamada Fernanda que fizeram um retrato e tiraram os dois uma fotografia para construir esse retrato na sua casa. Já está. (Alguma relação?). Pode significar muito estar abraçado a uma pessoa, uma amizade muito especial. É só.

Procedimentos: (C/C2) – “Como é que vou começar?”; (C/N8) – “Mikailo e Fernanda fizeram um retrato e tiraram os dois uma fotografia, para contruir este retrato na sua casa”; (C/FO5) – “Já está.”; (B23) – “Uma amizade muito especial”; (C/FO5) – “É só”.

Cartão 7 GF

(2') Era uma menina chamada Carolina e a sua tia Maria estavam na sala a conversar sobre o seu futuro. O que gostaria de fazer, e a sua tia disse que poderia sempre contar com ela. Já está.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Era uma menina chamada Carolina (...) conversar sobre o futuro. A sua tia disse que poderia sempre contar com ela”; (C/FO5) – “Já está”; (C/FO2).

Cartão 10

(1') Não estou a perceber a imagem. Dois velhotes (não vêes mais nada?) Vamos lá inventar uma história. Dois velhotes muito amigos e o outro tinha chegado da viagem e com as saudades deram um abraço. Mais nada.

Procedimentos: (C/FO5)- “Não estou a perceber a imagem”; (C/FO3) – “Dois velhotes. Dois velhotes muito amigos e o outro tinha chegado da viagem”; (C/N4) – “Com saudades e deram um abraço”; (C/FO5) – “Mais nada”; (C/FO2).

Cartão 13 MF

(2') Não estou a ver...Espera! Era uma rapariga chamada Nídia que gostava todos os dias de sair à noite. Ao chegar a casa estava um homem à porta do portão. Ela entrou como se nada fosse e o homem foi atrás dela e agrediu-a e nesse instante violou-a. Já está.

Procedimentos: (C/FO5) – “Não estou a ver ...”; (B28) – “Espera!”; (E14) – “Nídia gostava todos os dias de sair à noite. O homem foi atrás dela...”; (E8) – “e agrediu-a e nesse instante violou-a”.

3º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(1') Ah! (10') Então...Era uma vez um casal que eles eram felizes mas entretanto o marido descobriu uma coisa que ela tinha feito e ficou chateado com ela e mais tarde ela tentou pedir desculpas e ele virava-lhe sempre as costas. Acho que é só.

Procedimentos: (B28) – “Ah!”; (C/N4) – “...virava-lhe sempre as costas.”; (C/Fa1) – “Era uma vez um casal que eles eram felizes mas entretanto o marido descobriu uma coisa que ela tinha feito e ficou chateado com ela e mais tarde ela tentou pedir desculpas”; (C/FO5) – “Acho que é só”.

Cartão 7 GF

(2') Isto aqui é um gato? Então...Era uma menina que tinha um gato, o seu animal de estimação. Ela estava muito triste e desiludida com a mãe. A mãe tentava falar com ele e ela não queria ouvir o que a mãe dizia e o melhor amigo dela era o gato. Acho que é só.

Procedimentos: (C/C2) – “Isto aqui é um gato?”; (E14) – “Era uma menina que tinha um gato, o seu animal de estimação. Ela estava muito triste e desiludida com a mãe. A mãe tentava falar com ela e ela não queria ouvir o que a mãe dizia e o melhor amigo dela era o gato”; (C/FO5) – “Acho que é só”.

Cartão 10

(2') É a filha e o pai. A filha teve uma desilusão muito grande, foi ter com o pai, pediu-lhe conselhos e o pai aconselhou-a mas ela chorava muito e o pai consolava-a com muitos beijinhos e abraços. Acho que é só.

Procedimentos: (A21) – “É a filha e o pai”; (C/N4) – “A filha teve uma desilusão muito grande (...) muitos beijinhos e abraços”; (C/FO5) – “Acho que é só”.

Cartão 13 MF

(2') É um casal e que a mulher morreu, em casa e o marido ficou muito desiludido com a morte dela, estava desesperado e que mais tarde não iria ter mais ninguém na vida dele, senão ela. Não estou a ver mais nada.

Procedimentos: (E8) – “É um casal e que a mulher morreu...”; (B24) – “...ficou muito desiludido com a morte dela, estava desesperado”; (C/Fa5) – “E que mais tarde não iria ter mais ninguém na vida dela, senão ela”; (C/FO5) – “Não estou a ver mais nada”.

4º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(4') É difícil? (Porquê?) Não tenho imaginação...Acho que estava a tentar falar com ela. Tem alguma pessoa atrás? (aponta para um eventual terceira pessoa no cartão) Pode ser um quadro ou mesmo uma pessoa, não sei.

Procedimentos:

(B28) – “É difícil?”; (C/N9) – “Não tenho imaginação”; (C/C2) – “Tem alguma pessoa atrás?”; (C/FO3) – “A falar com ela”; (C/N8) – “Pode ser um quadro. Pode ser um quadro ou uma pessoa”.

Cartão 7 GF

(2') Isto é um bebé? Era a senhora que estava a ler uma história à menina, só que ela não lhe está a dar atenção nenhuma. (Alguma relação?) Não. Acho só que eram amigas. Não sei mais nada.

Procedimentos: (C/C2) – “Isto é um bebé?”; (C/Fa1) – “Era uma senhora que estava a ler uma história à menina, só que ela não lhe está a dar atenção nenhuma”; (A211) – “Não. Acho só que eram amigas” – negação da relação; (C/FO5) – “Não sei mais nada”.

Cartão 10

(2') Acho que é marido e mulher e que se estão a acarinhar. Depois de uma conversa. Acho que é só.

Procedimentos: (C/N4) – “Acho que é marido e mulher e que se estão a acarinhar. Depois de uma conversa.”; (C/FO5) – “Acho que é só”.

Cartão 13 MF

(10') Não sei, uma violação não sei. Esta não sei mesmo.

Procedimentos: (C/FO1) – (10'); (C/FO5) – “Não sei”; (E8) – “Uma violação”;
(C/FO5) – “Esta não sei mesmo”.

5º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(ri-se) (20') (olha muito para o cartão) Parece que estão os dois a chatearem-se. Um casal.

Procedimentos: (C/C1) – (ri-se); (C/FO1) – (20'); (C/C1) – Manipula muito o cartão; (B14) – “Parece que estão os dois a chatearem-se”; (C/FO2).

Cartão 7 GF

(pega no cartão e olha!) A menina ouve uma história da mãe, enquanto brinca. Sei lá...É só.

Procedimentos: (C/C1) – Manipula novamente o material; (C/Fa1) – “A menina ouve uma história da mãe, enquanto brinca”; (C/FO5) – “Sei lá...É só.”

Cartão 10

(5') Uma despedida. Mais nada. (vira o cartão ao contrário para terminar)

Procedimentos: (B21) – “Uma despedida”; (C/FO5) – “Mais nada”; (C/C1) – Manipula outra vez o cartão.

Cartão 13 MF

(pega no cartão novamente e ri-se) (20') O homem que chora a morte da mulher. Mais nada.

Procedimentos: (C/C1) – Manipula o cartão e ri-se; (C/FO1) – (20'); (E8) – “O homem que chora a morte da mulher”; (C/FO5) – “Mais nada”

6º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(10') Parecem ser um casal feliz. Com boas condições, de casa, de vida. Parecem gostar muito um do outro.

Procedimentos: (C/FO1) – (10'); (E7) – “Com boas condições, de casa, de vida. Parecem gostar muito um do outro.”; (C/FO2).

Cartão 7 GF

(5') Agora tem que se pensar...(10') A avó está a olhar para a neta, a neta a pegar no irmão. Ele está a dormir muito sossegadinho sem parar. A irmã está a pensar, digo eu, que...Na vida. Mais...(5') Não sei está muito bem. A avó está a ler um livro. Não sei mais nada.

Procedimentos: (B28) – “Agora tem que se pensar”; (C/FO1) – (10'); (C/Fa1) – “A avó está a olhar para a neta, a neta a pegar no irmão. Ele está a dormir muito sossegadinho sem parar. A irmã está a pensar, digo eu, que...Na vida.”; (C/FO1) – “Mais...(5')”; (A21) – “A avó está a ler um livro”; (C/FO5) – “Não sei mais nada”.

Cartão 10

(2') Ehlá! Este é mais puxado...(5') Ele está a cumprimentá-la, estão a dar um abraço, como não se veem à algum tempo, têm saudades. Gostam de conversar e gostam de fazer outras coisas mais, como passear, ir almoçar fora, ir ao cinema, discotecas, etc.

Procedimentos: (B28) – “Ehlá! Este é mais puxado”; (C/Fa1) – “Ele está a cumprimentá-la (...) como não se veem há algum tempo, têm saudades” (C/N4) - ”...estão a dar um abraço”; (E7) – “Gostam de conversar, passear, almoçar fora, ir ao cinema, disco”;

Cartão 13 MF

(3') Ela estava deitada, estava com as maminhas ao léu e ele virou-se e tapou a cara para não ver. Penso eu, que eles estavam numa casa velha, não tinham muitas condições para estarem ali. Se calhar, estavam ali uns tempos até conseguirem arranjar uma casa melhor para ficar e penso também que tivessem à procura de trabalho, porque o dinheiro não cai do céu...(20') Ou senão, iam tentar resolver as outras coisas de outra maneira, como por exemplo, ir aos jornais à procura de emprego.

Procedimentos: (E8) – “Ela estava deitada, estava com as maminhas ao léu e ele virou-se e tapou a cara para não ver”; (A23) – “Secalhar”; (C/Fa2) – “Secalhar (...) o dinheiro cai do céu”; (C/FO1) – (20'); (E7) - “Ou senão, iam tentar resolver as coisas de outra maneira, como por exemplo, ir aos jornais à procura de emprego”

7º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(2') Um senhor está na rua a discutir e uma senhora agarrou nele. Disse para não discutirem e depois ele foi para o hospital e depois ela foi lá buscá-lo a dizer como é que ele estava.

Procedimentos: (E7) – “Um senhor está na rua a discutir ”; (C/Fa5) – “Disse para não discutirem e depois ele foi para o hospital e depois ela foi lá buscá-lo a dizer como é que ele estava”; (C/FO2)

Cartão 7 GF

(2') Uma menina que estava com um irmão ao colo e a mãe estava ao lado a dizer para ela tomar conta dele enquanto o pai não chegar. Que ela ia às compras e disse para ela ir à missa.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Uma menina que estava com um irmão ao colo e a mãe estava ao lado”; (E7) – “...tomar conta dele enquanto o pai não chegar. Que ela ia às compras”; (C/M3) – “...disse para ela ir à missa.”

Cartão 10

(2') Um senhor e uma senhora. O senhor está a dar beijinhos na testa da senhora. A dizer para ela ter calma que não lhe acontecia nada e que a mãe dela estava no hospital, mas não ia acontecer nada. Mas faleceu e ela ficou triste.

Procedimentos: (A21) – “Um senhora e uma senhora”; (C/N4) – “O senhor está a dar beijinhos na testa da senhora.”; (E4) – “A dizer para ter calma (...) triste”; (E8) – “não lhe acontecia nada...não ia acontecer nada. Mas faleceu e ela ficou triste”

Cartão 13 MF

(3') Um senhor e uma senhora. A senhora está na cama e o senhor com os olhos tapados e depois olha para trás e vê que a senhora está desmaiada. E vai falar com a mãe dele, para ir lá ao quarto para ligar para o 112 e ela vai para o hospital. Mas depois ficaram felizes para sempre.

Procedimentos: (A21) – “Um senhor e uma senhora. A senhora está na cama e o senhor com os olhos tapados”; (E8) – “Depois olha para trás e vê que a senhora está desmaiada”; (E7) – “E vai falar com a mãe dele para ir lá ao quarto para ligar o 112 e ela vai para o hospital.”; (C/M3) – “Mas depois ficaram felizes para sempre”

8º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(20') (lágrimas nos olhos) A mulher estava a olhar para ele e ele estava a rir. (foi o último cartão que respondeu, porque ficou muito ansiosa).

Procedimentos: (C/FO1) – (20'); (C/C1) – Lágrimas nos olhos; (A21) – “A mulher estava a olhar para ele.”; (E7) – “...e ele estava a rir”; (C/FO5).

Cartão 7 GF

(2') Era...Uma vez uma senhora que tinha um bebé na mão. Mais nada

Procedimentos: (C/FO1) – “Era...”; (C/Fa1) – “Uma vez uma senhora que tinha um bebé na mão”; (C/FO5) – “Mais nada”; (C/FO2).

Cartão 10

(2') Esta é quem? (demonstra muita ansiedade) É uma senhora que está em cima do homem.

Procedimentos: (C/C2) - “Esta é quem?”; (C/C1) – Ansiedade; (E4) – “É uma senhora que está em cima do homem”.

Cartão 13 MF

(3') Um homem tapou os olhos quando a mulher estava deitada. Já acabou.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Um homem tapou os olhos quando a mulher estava deitada”; (C/FO5) – “Já acabou”; (C/FO2).

9º sujeito**idade:** 13**Cartão 4**

(10') Está um bocadinho complicado...Uma senhora e um senhor que estão abraçados. Ela está a falar com ele e ele vira-lhe a cara.

Procedimentos: (C/FO1) – (10'); (E7) – “Uma senhora e um senhor que estão abraçados. Ela está a falar com ele e ele vira-lhe a cara”; (C/FO2).

Cartão 7 GF

(2') Uma menina e uma senhora que estão a conversar. Estão no sofá e a senhora está a ler-lhe uma história.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Uma menina e uma senhora que estão a conversar.”; (E4) – “Estão no sofá e a senhora está a ler-lhe uma história”.

Cartão 10

(2') Um senhor e uma senhora. O senhor dá um beijinho na testa da senhora. Ela está com os olhos fechados com a mão no ombro do senhor. Mais nada.

Procedimentos: (C/Fa1) – “Um senhor e uma senhora. O senhor dá um beijinho na testa da senhora (...) do senhor”; (C/FO5) – “Mais nada”; (C/FO2).

Cartão 13 MF

Pois...(5')...Este! Uma senhora na cama. O senhor em pé com a mão na cabeça e a senhora está a dormir. Não sei mais nada. Já está.

Procedimentos: (B28) – “Pois...Este!”; (C/Fa1) – “Uma senhora na cama. O senhor em pé com a mão na cabeça e a senhora está a dormir.”; (C/FO5) – “Não sei mais nada. Já está.”; (C/FO2).

10º sujeito

idade: 13

Cartão 4

(2') É um casal que está chateado, ela parece tentar esclarecer as coisas mas ele parece não estar interessado. É mesmo isso, ela quer esclarece as coisas e ele não. Parece ser directo, uma pessoa que quando diz não, é não. É decidido.

Procedimentos: (B26) – “É um casal que está chateado, ela parece tentar esclarecer as coisas, mas ele parece não estar interessado”, (E7) – “Parece ser directo, uma pessoa que quando diz não, é não. É decidido”

Cartão 7 GF

(2') É uma mãe com dois filhos. A filha mais velha está a focar muito, não está a dar-lhe muito interesse. Não tenho mais para dizer, é só isso.

Procedimentos: (C/Fa1) – “É uma mãe com dois filhos”; (E7) – “A filha mais velha (...) muito interesse”, (C/FO5) – “Não tenho mais para dizer, é só isso”

Cartão 10

(2') São dois homens? Parece! É um bocadinho estranho. Parece que estão a fazer as pazes. Ou parecem ser um pai e o filho, mas não são dois homens. Faz-me lembrar, não sei homossexuais. Se forem homossexuais, pela imagem parecem gostar muito um do outro, vejo através dos olhos fechados e da mão em cima do ombro. Ao mesmo tempo parece uma mulher, pelos cabelos e pelas sombrancelhas. Gostam-se. Pelas mesmas razões que o casal homossexual, pelos olhos fechados e a mão no ombro.

Procedimentos: (C/C2) – “São dois homens?”, (A23) – “Parece”; (E11) – “Parecem ser um pai e filho, mas não são dois homens.”; (C/N4) – “Pela imagem parecem gostar muito um do outro, vejo através dos olhos fechados e da mão em cima do ombro. Ao mesmo tempo parece uma mulher; pai e filho; homossexuais”.

Cartão 13 MF

(3') Parece estar arrependido. Na imagem parece que se envolveram e ele está arrependido com o braço na cara como quem acaba de acordar e diz “isto não aconteceu”. Ela parece uma prostituta pela forma como está deitada e pensa “mais uma noite”. Ele, um homem formado e com família e por isso arrependido. Devido aos copos que bebeu na noite anterior aconteceu isto. Ele se calhar não se lembra do que aconteceu na noite anterior, mas quando acorda fica consciente e vê que está com ela e arrepende-se claro. Parece ser outra coisa, a mesa, os livros, mas ela não iria levá-lo para a casa dela, é uma prostituta. Não passa de um quarto alugado num hotel ou motel. E é só. O homem mostra arrependimento e ela mais uma noite como esta noite visto que está tão descontraída.

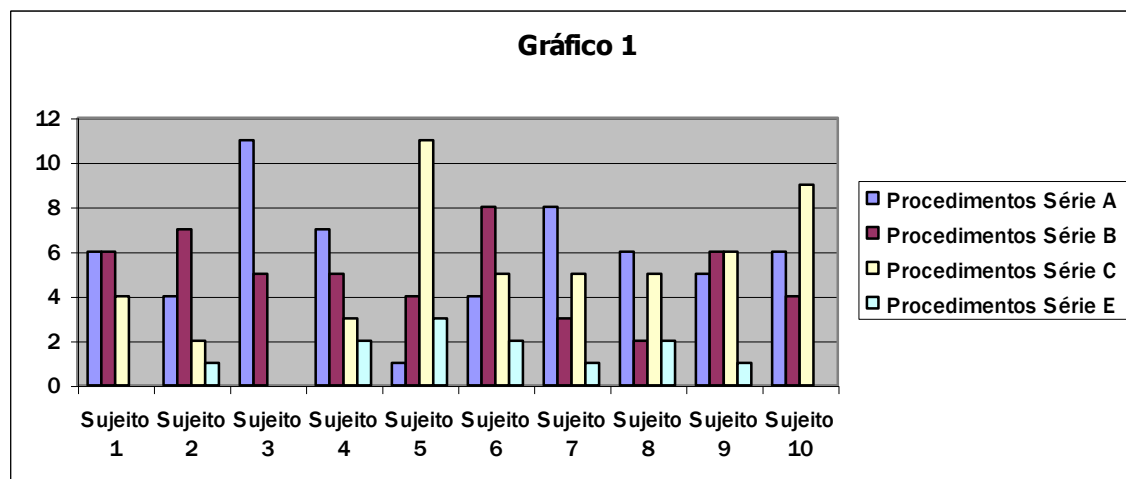
Procedimentos: (B21) – “Parece estar arrependido”; (B23) – “isto não aconteceu”; “mais uma noite”; (A23) - “Se calhar”; (E13) – “Parece ser outra coisa, a mesa, os livros, mas ela não iria levá-lo para casa dela, é uma prostituta. Não passa de um quarto alugado num hotel ou motel”; (E7) – “Homem arrependido e ela descontraída”.

Anexo 4 - Tabelas e gráficos referentes aos procedimentos

Sujeitos não expostos a violência doméstica

Procedimentos

	<i>Série A</i>	<i>Série B</i>	<i>Série C</i>	<i>Série E</i>
<i>Sujeito 1</i>	5	6	5	0
<i>Sujeito 2</i>	4	7	2	1
<i>Sujeito 3</i>	7	5	4	0
<i>Sujeito 4</i>	5	5	5	2
<i>Sujeito 5</i>	1	4	11	3
<i>Sujeito 6</i>	4	8	5	2
<i>Sujeito 7</i>	6	3	7	1
<i>Sujeito 8</i>	5	2	6	2
<i>Sujeito 9</i>	3	6	8	1
<i>Sujeito 10</i>	5	4	10	0
<i>Total</i>	45	50	63	12

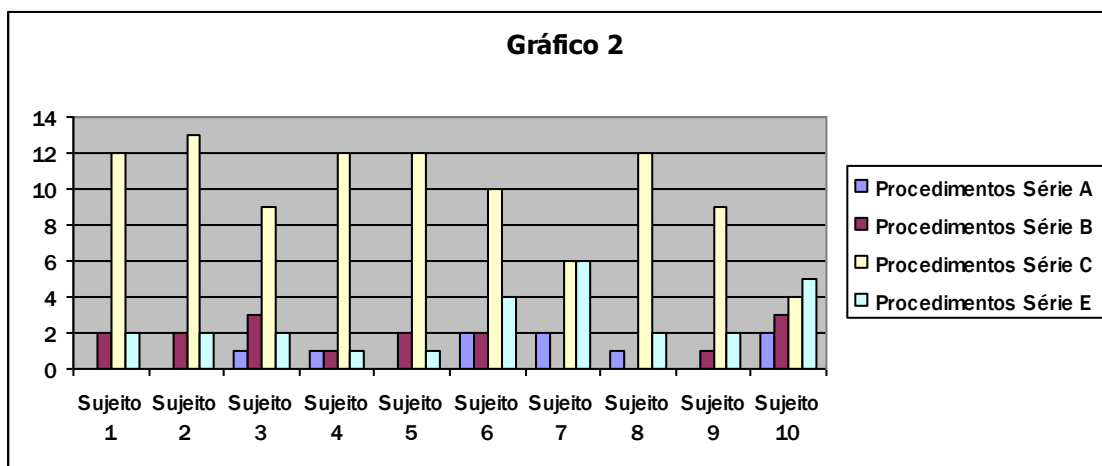


Legenda: Gráfico referente aos procedimentos dos sujeitos não expostos a violência doméstica.

Sujeitos expostos a violência doméstica

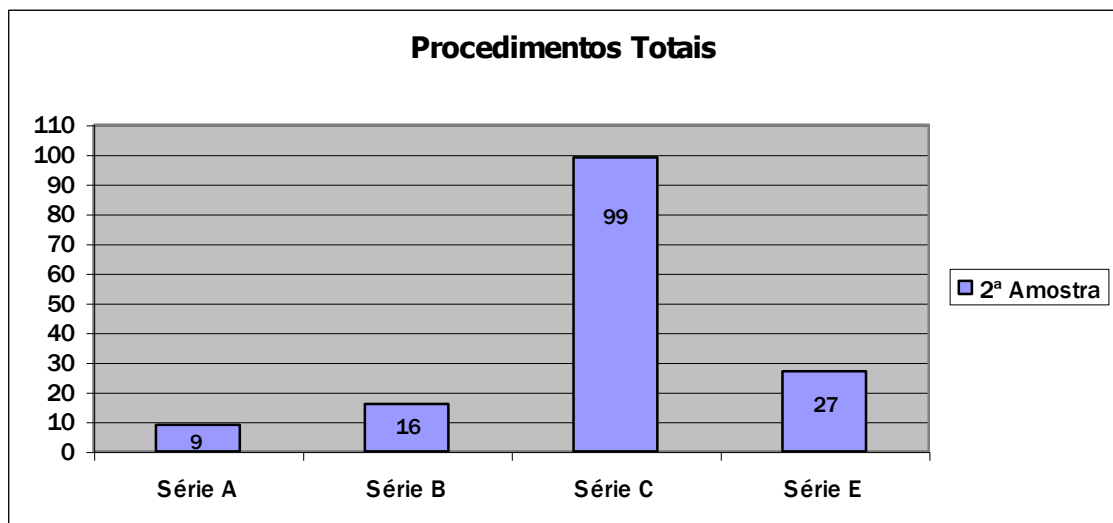
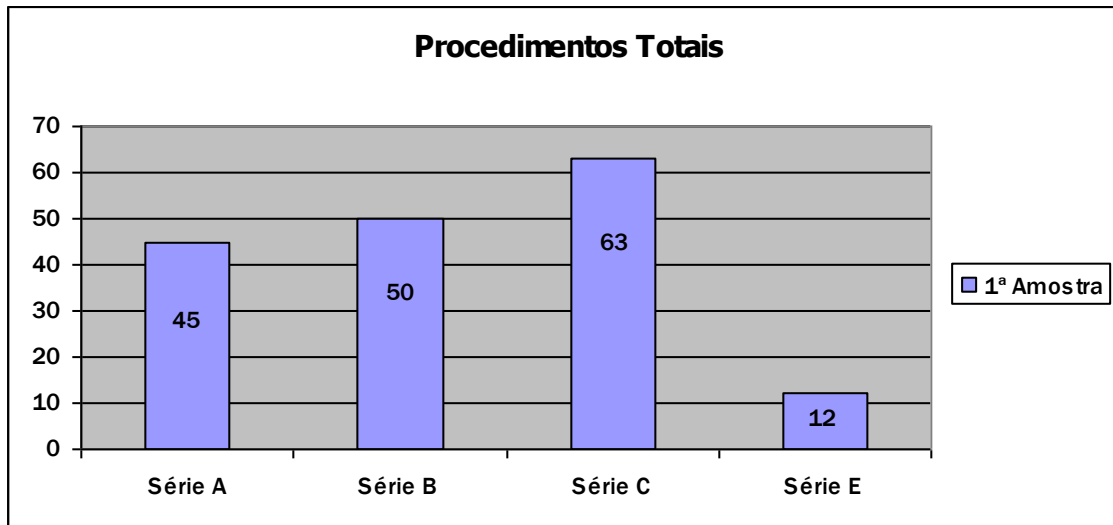
Procedimentos

	Série A	Série B	Série C	Série E
<i>Sujeito 1</i>	0	2	12	2
<i>Sujeito 2</i>	0	2	13	2
<i>Sujeito 3</i>	1	3	9	2
<i>Sujeito 4</i>	1	1	12	1
<i>Sujeito 5</i>	0	2	12	1
<i>Sujeito 6</i>	2	2	10	4
<i>Sujeito 7</i>	2	0	6	6
<i>Sujeito 8</i>	1	0	12	2
<i>Sujeito 9</i>	0	1	9	2
<i>Sujeito 10</i>	2	3	4	5
<i>Total</i>	9	16	99	27



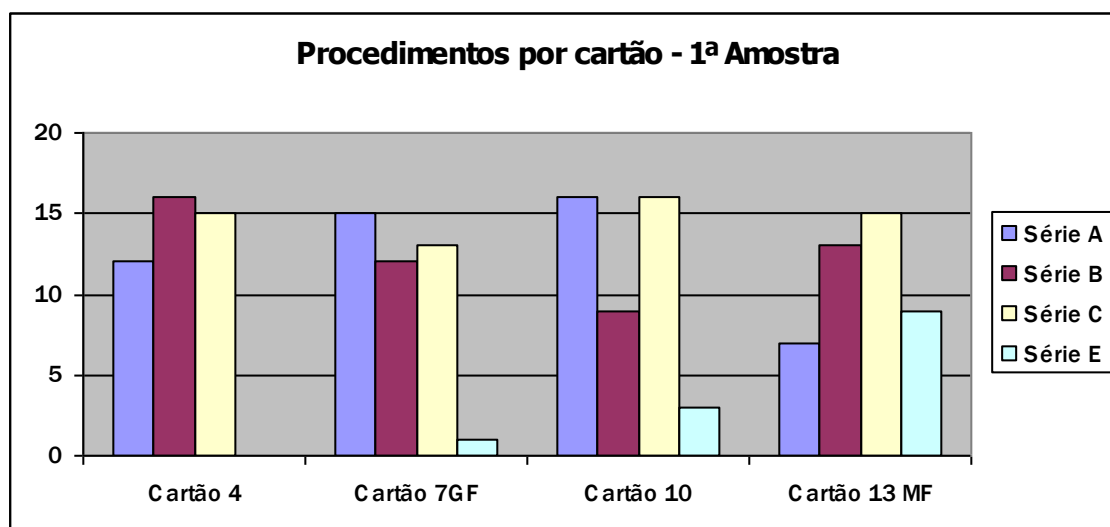
Legenda: Gráfico referente aos procedimentos dos sujeitos expostos a violência doméstica

Procedimentos Totais



Procedimentos por cartões – 1ª Amostra

	<i>Cartão 4</i>	<i>Cartão 7GF</i>	<i>Cartão 10</i>	<i>Cartão 13 MF</i>	<i>Total</i>
<i>Série A</i>	12	15	16	7	50
<i>Série B</i>	16	12	9	13	50
<i>Série C</i>	15	13	16	15	59
<i>Série E</i>	0	1	3	9	13



Procedimentos por cartões – 2ª Amostra

	<i>Cartão 4</i>	<i>Cartão 7GF</i>	<i>Cartão 10</i>	<i>Cartão 13 MF</i>	<i>Total</i>
<i>Série A</i>	1	2	3	3	9
<i>Série B</i>	5	3	3	5	16
<i>Série C</i>	29	27	23	19	98
<i>Série E</i>	5	4	6	12	27

